



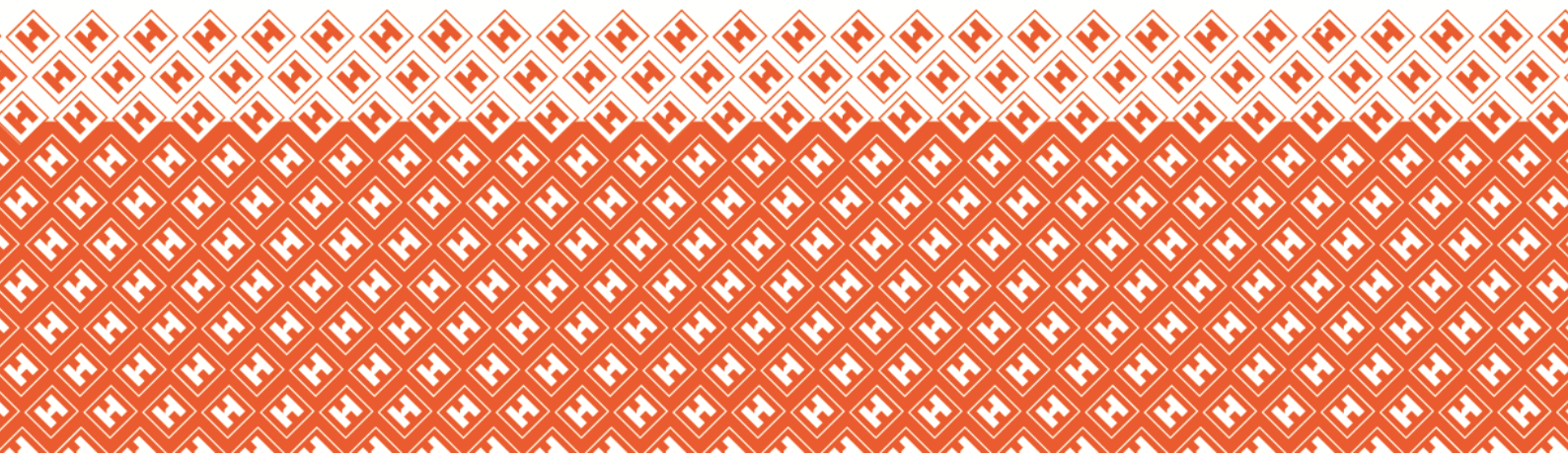
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

LETÍCIA FERNOCHI

Moda e ensino de História: a Primeira Guerra Mundial por meio do Jornal das Moças

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Julho / 2021





Universidade Estadual de Maringá
Mestrado Profissional em Ensino de História



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

LETÍCIA FERNOCHI

**MODA E ENSINO DE HISTÓRIA: A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL
POR MEIO DO JORNAL DAS MOÇAS**

Maringá/PR

2021



Universidade Estadual de Maringá
Mestrado Profissional em Ensino de História



LETÍCIA FERNOCHI



**MODA E ENSINO DE HISTÓRIA: A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL
POR MEIO DO JORNAL DAS MOÇAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – da Universidade Estadual de Maringá - UEM, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Orientador(a): Prof. Dr. Márcio José Pereira

Maringá/PR

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

F366m	<p>Fernochi, Leticia</p> <p>Moda e ensino de história : a Primeira Guerra Mundial por meio do Jornal das Moças / Leticia Fernochi. -- Maringá, PR, 2021. 69 f.figs.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Márcio José Pereira. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Rede Nacional - Polo PROFHISTÓRIA - UFRJ) - Mestrado Profissional, 2021.</p> <p>1. Moda. 2. História - Ensino. 3. Primeira Guerra Mundial. 4. Jornal das Moças. I. Pereira, Márcio José , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Rede Nacional - Polo PROFHISTÓRIA - UFRJ) - Mestrado Profissional. III. Título.</p> <p>CDD 23.ed. 391</p>
-------	---



Universidade Estadual de Maringá

Mestrado Profissional em Ensino de História



FERNOCHI, Letícia. **Moda e ensino de História: a Primeira Guerra Mundial por meio do Jornal das Moças.** Mestrado Profissional em ensino de História (ProfHistória) Universidade Estadual de Maringá. 2021.

RESUMO

Esta dissertação aborda a Moda como uma fonte histórica que deve ser trabalhada em sala de aula para mostrar uma outra perspectiva de ensino e aprendizagem. Com isso, as imagens e artigos publicados em uma revista feminina chamada Jornal das Moças, que circulou pelo Brasil entre 1914 e 1965, colaboram para a compreensão das mudanças nas roupas ligadas ao contexto no qual elas foram produzidas. No período abordado pela pesquisa estava em curso a Primeira Guerra Mundial, evento esse que possuiu reflexos importantes na maneira de se vestir, e as modernizações realizadas na capital brasileira à época, a cidade do Rio de Janeiro. Pelos estudos relacionados, contemplada em conjunto com a análise da moda, é possível perceber as modificações nos papéis sociais, principalmente os das mulheres, que se tornam mais independentes e lutam por representatividade. Comparando as imagens das roupas com os artigos publicados na revista, vemos a influência francesa diante das brasileiras e como ao longo dos anos elas vão se sentindo seguras para adotar apenas o que lhes convêm. Durante o desenvolvimento do trabalho foi possível refletir sobre o fato de que cada aspecto na produção de moda sofre a interferência de seu tempo e revela em suas nuances detalhes da sociedade que a produziu. Assim, a moda analisada através de uma fonte acessível como o Jornal das Moças pode ampliar o olhar dos(as) estudantes sobre a História e como ela se faz presente em todos os lugares. Como produto dessa pesquisa foi desenvolvida uma sequência didática que pode ser utilizada em sala de aula para trabalhar os conteúdos referentes a Primeira Guerra Mundial, modernização do Rio de Janeiro e as influências estrangeiras que chegavam no país na época.

Palavras-Chave: Moda; Ensino de História; Mulheres; Jornal das Moças;
Primeira Guerra Mundial.



Universidade Estadual de Maringá

Mestrado Profissional em Ensino de História



FERNOCHI, Letícia. **Fashion and History teaching:** the First World War through Jornal das Moças. Professional Master's degree in History teaching (ProfHistória) State University of Maringá. 2020.

ABSTRACT

This dissertation approaches Fashion as a historical source that must be worked on in the classroom to show another perspective of teaching and learning. As a result, the images and articles published in a women's magazine called Jornal das Moças, which circulated in Brazil between 1914 and 1965, contribute to the understanding of the changes in clothes linked to the context in which they were produced. During the period covered by the research, the First World War was under way, an event that had important consequences in the way of dressing, and the modernizations carried out in the Brazilian capital at the time, the city of Rio de Janeiro. Through the related studies, considered in conjunction with the fashion analysis, it is possible to notice the changes in social roles, especially those of women, who become more independent and struggle for representation. Comparing the images of clothes with the articles published in the magazine, we see the French influence on Brazilian women and how over the years they feel safe to adopt only what suits them. During the development of the article, it was possible to reflect on the fact that each aspect of fashion production suffers the interference of its time and reveals in its nuances details of the society that produced it. Thus, fashion analyzed through an accessible source such as Jornal das Moças can broaden the students' view of History and how it is present everywhere. As a product of this research, a didactic sequence was developed that can be used in the classroom to work on contents related to the First World War, modernization of Rio de Janeiro and the foreign influences that arrived in the country at the time.

Keywords: Fashion; History teaching; Women; Jornal das Moças; First World War.

Agradecimentos

Quero agradecer a todos que influenciaram, ajudaram, apoiaram, incentivaram e me fizeram chegar até aqui. Por muitos anos achei que não seria possível cursar um mestrado devido às ocupações profissionais e necessidades pessoais, mas com a descoberta do mestrado profissional em História, o que era apenas um desejo pôde se tornar realidade.

Deixo aqui meu agradecimento aos meus pais e familiares que sempre me incentivaram e se orgulharam de cada conquista minha. Sempre estiveram prontos para me ajudar naquilo que fosse necessário e nunca, nem por um minuto, duvidaram da minha capacidade de alcançar meus sonhos. Quero agradecer ao meu noivo que aceitou de bom grado ceder vários momentos que seriam da nossa convivência para que eu pudesse estudar e assim concluir essa etapa tão importante para mim. Sempre pude contar com seu apoio na minha jornada, desde a participação na seleção do ProfHistória ou mesmo nos eventos que são necessários para o engrandecimento do currículo.

Durante anos, o pensamento de realizar o mestrado ficava martelando na minha cabeça, mas nunca dava certo. Felizmente só deu certo quando eu estava madura o suficiente para arcar com as responsabilidades exigidas pelo curso. E com certeza foi o melhor que poderia acontecer, pois a minha turma do mestrado foi motivadora para a conclusão de cada etapa, nunca deixando o desânimo ou a tentação de desistir me dominar. Nunca participei de uma turma tão unida onde cada pessoa pode falar e agir de maneira livre sem medo de represálias. Até hoje não consigo entender como uma prova pôde selecionar esse grupo tão maravilhoso e perfeito um para outro.

Quero agradecer também aos professores do mestrado que desde o início deixaram claro que deveríamos escolher um tema que nos fosse atrativo para pesquisar e produzir algo a respeito. Depois de muito refletir vi que, de todas as possibilidades, a moda era o que mais me atraía. No entanto, faltava uma fonte específica para analisar. Então, a professora Dra. Solange Ramos fez a sugestão de pesquisar o *Jornal das Moças*, o que se encaixou perfeitamente naquilo que eu pretendia estudar.

Durante uma década lecionando em escolas públicas do estado do Paraná, no início como PSS (Processo Seletivo Simplificado) e depois como

QPM (Quadro Próprio do Magistério), eu pude conviver diariamente com as mais variadas realidades. No dia a dia, confirmamos na prática como são distintos os grupos de estudantes, professores e a equipe pedagógica de cada escola. No entanto, lecionando a disciplina de História por todo esse tempo repetidas vezes, notei como os alunos se atentam pouco às imagens que estão no livro didático. A não ser que o(a) professor(a) chame sua atenção, eles(as) mal percebem a diversidade de informações. O mesmo acontece quando vídeos, filmes ou documentários de outras épocas são mostrados a eles(as). Porém, quando o(a) professor(a) chama a atenção durante a explicação para a imagem apresentada, para os elementos que ela contém, principalmente as roupas, esses estudantes começam a perceber a diferença do que representa a moda hoje e aquilo que foi moda um dia. Assim, eles(as) passam a apontar e compreender as mudanças e permanências, refletem sobre os porquês das transformações e fazem indagações interessantes.

As roupas e a moda são fontes históricas que na rotina da sala de aula não são exploradas como poderiam e não recebem toda a atenção. Mas quando isso acontece, dão um retorno satisfatório segundo a minha experiência de dez anos em sala de aula lecionando para o Ensino Fundamental e Médio.

Assim, quero agradecer a todos aqueles que são e que já foram meus alunos e me deram ideias, fizeram indagações que me levaram a essa pesquisa que foi tão prazerosa de fazer. Quero agradecer também ao meu orientador, o professor Dr. Márcio José Pereira, que sempre foi solícito com as minhas necessidades, respondeu de prontidão as minhas dúvidas e não poupou esforços para me ajudar.

Lista de Figuras

Figura 1 - Modelo de espartilho com comparação à ideia do corpo feminino em "S". Adaptado do site: NUNES, João. Site: Hist9alfandega, 2011.

Figura 2: Mulheres usando vestidos com características do final do século XIX e início do XX. Fonte: Google. Acesso em 27/03/2020.

Figura 3: Mulheres com saias duplas onde a de baixo é mais ajustada ao corpo, enquanto a de cima é mais curta e tem detalhes em babados. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 5, julho, 1914

Figura 4: Modelos de *tailleurs* que surgiram em Paris e foram sugeridos para as mulheres brasileiras. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 9, setembro de 1914.

Figura 5: *Tailleurs* com corte mais simples e ajustados ao corpo devido à economia de tecido. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 13, dezembro, 1914.

Figura 6: Vestes que surgem como referências do uniforme militar. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n.25, maio, 1915.

Figura 7: *Tailleurs* com saias boca de sino e comprimento menor. Fonte: Jornal das Moças, n.54, junho, 1916.

Figura 8: *Tailleurs* de corte simples sem muitos ornamentos passam a ser indicados. Jornal das Moças para o uso das brasileiras. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 47, abril, 1916.

Figura 9: Sugestões de roupas para o luto. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 79, dezembro, 1916.

Figura 10: Vestimentas que trazem uma referência do orientalismo. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 162, 1918.

Figura 11: Sugestão de "camisa-vestido". Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 115, 1917.

Figura 12: Imagem de uma saia mais curta e mais próxima ao corpo, ressaltando as formas femininas. O uso foi criticado pela revista. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 160, 1918.

Figura 13: Vestidos que têm como referência os uniformes dos marinheiros. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 114, 1917.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1 - A moda e o comportamento feminino até 1914.....	15
1.1 – <i>Belle Époque</i> como inspiração nos trópicos.....	15
1.2 – A moda como elemento de distinção social.....	18
1.3 – Mesmo diante do conflito mundial, a moda resiste.....	23
Capítulo 2 - 1915 e 1916: O avanço da guerra e as transformações da moda.....	27
2.1 – As mulheres no centro da guerra e da moda.....	27
2.2 – Saia boca de sino e <i>Tailleur</i> entram na guerra da moda.....	31
2.3 - O luto como expressão da moda.....	35
Capítulo 3 – As consequências da Primeira Guerra Mundial na moda e no comportamento.....	38
3.1 – A escassez de ideias abre oportunidade para novas inspirações.....	38
3.2 – 1918: A Gripe espanhola toma o lugar de morte da guerra.....	45
Conclusão.....	49
Referências Bibliográficas.....	51
Propostas de Sequência Didática.....	55

Introdução

“Se me fosse permitido escolher na profusão de livros a serem publicados depois de minha morte, saiba você o que eu escolheria [...] Não, eu não escolheria um romance nessa futura biblioteca, nem um livro de história [...] Na verdade, meu amigo, eu escolheria um jornal de moda, para saber como as mulheres se vestirão um século após meu desaparecimento. E essas roupas femininas me diriam mais sobre a humanidade futura do que todos os filósofos, romancistas, pregadores, sábios. (A. France apud ROCHE, 2007, p.473)

A moda evoluiu muito e de forma cada vez mais rápida com o passar dos anos e deixou nas vestimentas elaboradas em cada período as marcas dos costumes e hábitos da sociedade em que foi produzida. Essas vestes quando estudadas podem revelar as mais diversas peculiaridades.

Nesse trabalho, a intenção é analisar as gravuras e textos publicados no *Jornal das Moças*, nas seções “A arte de ser elegante” e “Modos e Modas” entre os anos de 1914 e 1918, para assim entendermos como os acontecimentos ocorridos na sociedade daquele momento influenciaram as vestimentas utilizadas, principalmente pelas mulheres. E quando elas tomaram para si postos até então ocupados por homens, a moda efetivamente mudou a partir dos eventos históricos e das mudanças sociais que ocorreram no período.

Para levarmos em consideração os conceitos envolvidos na discussão proposta, nesse texto será utilizado o termo “mulheres” para designar o público atingido pelo *Jornal das Moças*, de forma direta ou indireta, e o público que foi para as frentes de trabalho durante o recorte temporal a que esse estudo se destina. Assim fica abrangente e respeita as múltiplas diferenças de grupo. (PEDRO, 2005, p. 82)

No contexto do período contemplado nesse trabalho existem alguns eventos relevantes no Brasil, e no mundo, que sempre são estudados nas aulas de História do Ensino Fundamental e Médio, mais especificamente nos 9º e 3º anos. Como principal fator motivador de mudanças de usos e costumes está a ocorrência da Primeira Guerra Mundial, que gerou uma transformação nunca vista antes na forma de se vestir, relacionar e trabalhar.

Os papéis sociais ocupados majoritariamente pelas mulheres sofreram incontáveis transformações e uma das mais importantes foi a entrada de um número muito grande delas no mercado de trabalho para substituir a mão de obra masculina que lutava nos campos de batalha. Para se adequar às novas tarefas e à escassez

de materiais, as mulheres precisaram modificar as formas de se vestir, passo esse que nem sempre é mencionado durante as aulas. Deste ponto de vista, podemos explorar também outros aspectos como fonte de reflexão para os(as) estudantes partirem da observação das roupas e assim compreenderem quais os efeitos de uma guerra na vida em sociedade.

No Brasil do início do século XX, as grandes influências em relação à moda vinham da Europa, especificamente de Paris, que era considerado o grande centro criador de tendências, onde os grandes estilistas ditavam o que deveria ser usado por todos, e todas naturalmente. As novidades chegavam aqui exatamente pelo aumento da circulação de revistas femininas, um dos exemplos dessas revistas que circulavam na época era o *Jornal das Moças*.

Essa revista ilustrada teve origem em 1914, era produzida no Rio de Janeiro e tinha circulação nacional, que no início foi quinzenal e depois se tornou semanal. Não foi encontrada uma explicação objetiva para a mudança de periodicidade, mas podemos evidenciar que o público leitor formado por mulheres de classe média e alta cresceu expressivamente no período. Para as mulheres foi permitido circularem pelos salões onde se podiam ler novos textos. Assim, a valorização desse segmento em ascensão fez aumentar as publicações destinadas a elas no intuito de instruí-las e torná-las educadoras dos filhos da pátria (ALMEIDA, 2014). No momento (2021), a revista está digitalizada na Hemeroteca da Biblioteca Nacional estão digitalizados os exemplares até o ano de 1961.

Para o desenvolvimento desse trabalho foram analisadas as edições de número 1 até a 184 do *Jornal das Moças* que vão do ano de 1914 até 1918, com enfoque voltado para as seções já mencionadas: “A arte de ser elegante” e “Modos e Modas”. No entanto, outros artigos da revista foram utilizados quando considerados relevantes para a discussão do tema proposto. Nesses artigos eram publicadas, por exemplo, dicas de como adaptar a moda parisiense ao clima brasileiro, o que era tido como elegante, o que era esquisito ou exagerado e deveria ser dispensado pelas leitoras, além de informações sobre culinária, comportamento, dicas de beleza e anúncios de produtos variados.

As edições da revista *Jornal das Moças* que foram utilizadas como fonte desse trabalho foram dirigidas por seus fundadores: Álvaro Menezes (diretor e redator) e Agostinho Menezes (diretor responsável), mas não explicitam algumas informações que poderiam ser relevantes para identificar os autores dos artigos das seções, eles

se identificam apenas por um nome (não utilizam sobrenome), que pode ser verdadeiro ou pseudônimo. A tiragem das edições eram publicadas com distribuição por todo território nacional, cobrindo assim as capitais. Chegava às mãos das leitoras todas às quartas-feiras, nas bancas ou pelo correio para quem solicitasse sua assinatura. (SOARES; SILVA, 2013)

A análise da revista será baseada nos estudos de Ana Luiza Martins e Aline Maria Muller que produziram artigos e livros falando sobre o propósito da imprensa, o objetivo dos registros e a forma de escrever as matérias e como utilizar esse material como fonte para pesquisa histórica. Segundo Martins (2008, p. 22) na virada do século XIX para o XX houve um crescimento exacerbado do jornalismo visando o lucro, onde os periódicos, incluindo as revistas femininas, faziam a publicação de temas, serviços e propagandas que gerassem um retorno financeiro.

[.] a revista era o instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado seu caráter de impresso do momento, condensado, ligeiro e de fácil consumo. Acrescente-se a isso, por vezes, uma aparência luxuosa, divulgando, através da ilustração, propagandas e mensagens aliciadoras e pronto! Assim estava configurado o produto que subjogava corações e mentes, atingindo com presteza uma gama expressiva e diferenciada de leitores. Cada número publicado transformava-se em símbolo emblemático da transição vivida, expressando os conflitos do período e apresentando-se como porta-voz de múltiplas gerações. (MARTINS, 2008, p. 27)

Conforme Muller (2015) ressalta, os historiadores ao fazer a análise do jornal, revista, ou outro periódico devem se lembrar que o documento não é neutro e acaba carregando em seus escritos a opinião da pessoa que escreveu. Deve-se manter em alerta quando se tem uma revista como fonte de pesquisa para compreender que as reportagens, seções ou artigos publicados apresentam apenas fragmentos da realidade: “Não lemos realidades, lemos representações das realidades” (MULLER, 2015, p.282).

Ainda como coloca Martins (2008), muitas publicações no início do século poderiam ter um nome que se remete a um tipo de escrito e tem o formato de outro, como aconteceu com o Jornal das Moças, que leva no nome a palavra jornal, mas na verdade é uma revista. Seu formato poderia se assemelhar a jornal ou revista, dependendo da edição pesquisada.

A produção da revista em formato de jornal, trazendo as folhas soltas, in folio, foi prática frequente no periodismo, dificultando singularizá-la a partir da sua configuração. Tanto quanto o uso indiscriminado da forma, o emprego ambíguo de sua nomenclatura, oscilando entre revista e jornal, gerou

equivocos de concepção, relativizando sua definição, mutável no curso de seu processo histórico. A formulação do que vinha a ser uma revista, na concepção de seus próprios mentores – proprietário, editores, redatores, colaboradores – reforçava as dúvidas de entendimento. [...] (MARTINS, 2008, p. 69)

A fim de possibilitar aos professores e professoras de História uma oportunidade de trabalhar a moda como fonte em sala de aula, pretendemos apresentar como produto dessa pesquisa uma sequência didática, que nada mais é que: “Um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual, oral ou escrito”. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004 apud ZAQUEU, 2015, p.9).

Na sequência didática proposta, une-se moda e a análise do *Jornal das Moças* para que os(as) estudantes possam se sentir mais próximos da História, pois estariam em contato com a fonte (*Jornal das Moças*) que está toda digitalizada e disponível na internet no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional². Com este recurso pedagógico, poderão perceber como eles mesmos também são fruto da História e como a influência de diversas culturas e conflitos se aplicou para a constituição da sociedade em que vivemos. Nesse contato próximo com a fonte, a construção da História deixaria de ser algo distante para esses estudantes e assim teriam mais vontade de interagir com ela (ECCO, 2007, p.132). É possível transformar esse contato em uma investigação dos estudantes junto à fonte e observar o quê e como isso impacta na discussão e produção de conhecimento.

Nesse sentido, Kátia Simioni Martins Bondan (2014) assevera que o uso de análise documental pode colaborar para que os estudantes busquem referências sobre o tema abordado, realizem leitura qualificada do material, relacionem diferentes temporalidades, demarquem aspectos comparativos entre as fontes analisadas e, assim, estabeleçam relações com o seu cotidiano. A análise da vestimenta em um determinado período pode trazer ao estudante a curiosidade de refletir também sobre a constituição da sua própria roupa, sua tendência em seguir estilos, onde se inspira e de onde vem a origem dessa moda.

Diante do exposto, entendemos que o escopo dessa dissertação é a composição de um produto que articulasse Moda e História com os seguintes objetivos: a) Refletir sobre os acontecimentos relevantes no Brasil e no mundo e seu impacto na constituição das roupas; b) analisar as representações e artigos de moda

²<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em: 05/04/2021

do periódico *Jornal das Moças* nas seções *Modos e Modas* e *A arte de ser elegante*; e c) construir uma sequência didática para uso dos(as) professores(as) de Ensino Médio da disciplina de História, com ênfase no 3º ano, trazendo orientações, sugestões e caminhos para o trabalho com moda em sala de aula.

O período abordado vai de 1914 a 1918 assim englobando a Primeira Guerra Mundial, agregando o fato das mulheres estarem ganhando mais espaço, independência e lutando pelos seus direitos. Além disso, o Brasil estava passando por um processo de transformação, principalmente o Rio de Janeiro, com a reforma urbana. Esse trabalho se mostra relevante por ter como objetivo primordial a criação de uma ferramenta didático-pedagógica que oriente os(as) professores(as) a trabalharem com moda e sua evolução durante as aulas de História. Desta forma, cria-se uma estratégia para despertar o interesse no seu alunado pelo período abordado e também mostra uma outra forma de abordar a História, fugindo da maneira tradicional de explicar as mudanças e permanências em uma sociedade. A fonte na qual o projeto se baseia (*Jornal das Moças*) está digitalizada e tem fácil acesso a partir de computadores ou celulares conectados à *internet*, além da possível impressão das edições ou páginas avulsas para manuseio dos(as) estudantes. Em resumo,

[.] à medida que é necessário levar o/a estudante a perceber porque ele/ela precisa da História e como esta pode ser ferramenta de leitura do mundo no qual está inserido propiciando sua autonomia diante da cultura midiática, resistindo à sua manipulação, capacitando-o a conhecer a si e aos outros no tempo. (CATELÃO, 2020, p. 64)

No decorrer dessa pesquisa, os debates a respeito da história das mulheres são baseados nos estudos de Mary Del Priore e Michelle Perrot. Quando falado sobre história e moda nos valem de James Laver, Ivana G. Simili, Daniela Calanca, Valerie Mendes entre tantos outros que produziram grandes contribuições para essa temática de estudo e são citados direta ou indiretamente ao longo do texto.

Na busca por informações entre Moda e História foram encontrados trabalhos da professora Ivana Guilherme Simili, do professor Ronaldo Vasques entre outros estudos que relacionam a moda com a História, mas não foi encontrado algo relevante que relacione moda com o ensino de História na Educação Básica. Assim, partindo da linha de pesquisa *Saberes Históricos no Espaço Escolar* é possível criar

uma sequência didática que aborde a moda como um instrumento aliado dos(as) professores(as) e próximo à realidade dos(as) estudantes.

Essa dissertação está dividida em três capítulos e cada um trata de uma parte da Primeira Guerra Mundial, dos acontecimentos que envolvem o Brasil e das mudanças que se refletiram nas roupas femininas. O primeiro capítulo aborda a moda e as mudanças no comportamento feminino até o ano de 1914, além das transformações que ocorriam na atmosfera brasileira na época, com a modernização do espaço urbano, os laços com a França que faziam referências cada vez mais presentes no país àquela cultura, sendo a moda brasileira inspirada nos usos e costumes parisienses. Por aqui, as mulheres estão cada vez mais instruídas, frequentando os salões de leitura e tendo acesso a publicações destinadas a elas com o conteúdo que seria do interesse feminino. Também é inegável que uma individualidade começa a nascer.

O segundo capítulo trata dos impactos que a deflagração da Primeira Guerra Mundial tem nas roupas consideradas femininas e na rotina das mulheres que viveram entre 1915 e 1916. Apontam-se as transformações na sociedade, onde agora quem iria para os postos de trabalho seriam as mulheres, já que os homens foram para as frentes de batalha. A necessidade de adaptação nas vestes e na postura da 'nova' chefe de família, responsável não só por cuidar e educar, mas sustentar a todos.

Já no terceiro capítulo trilha-se os caminhos que levaram ao término da guerra e as consequências do conflito. Em 1917, ocorreram saídas e entradas significativas para o desequilíbrio nos campos de batalha que levaram ao armistício. Aborda-se ainda a participação do Brasil na grande guerra e como o Jornal das Moças levou as suas leitoras o tema, além das discussões sobre os direitos femininos, principalmente o direito ao voto que ocupou páginas em diversas edições da revista. E em 1918, a gripe espanhola se espalhou pelo Brasil causando mortes de forma descontrolada, assustando aqueles que haviam acabado de presenciar os efeitos nocivos de uma guerra mundial.

Logo após a Conclusão e Referências Bibliográficas, esboça-se uma proposta de atividades para professores desenvolverem junto a seus estudantes a partir da utilização da moda como ferramenta de compreensão e aprendizado da História. A sequência didática elaborada será disponibilizada aos núcleos de educação para que eles distribuam aos professores, também será disponibilizada em algumas páginas do Facebook e Instagram voltadas para História.

CAPÍTULO 1 - A moda e o comportamento feminino até 1914

1.1 – *Belle Époque* como inspiração nos trópicos

O período denominado na História como *Belle Époque*³ seria um tempo de otimismo, incentivos à arte e tecnologias, quando as coisas pareciam leves e fluídas. O grande centro do mundo era Paris, capital da França, considerado exemplo mundial de civilidade, elegância e urbanização. Essa era a impressão transmitida ao público pelos meios de comunicação de massa no Brasil. No entanto, muitos interesses financeiros, políticos e territoriais estavam em jogo, assim como o imperialismo praticado pelas grandes potências mundiais da época, Inglaterra, França e Alemanha e a já iniciada ascensão dos Estados Unidos, se acirrava cada vez mais.

O século XIX deixou uma herança de tensões e alianças entre os países que formavam as potências mundiais da época. A Alemanha, com o seu novo Kaiser, formataria sua força militar para combater de frente os possíveis inimigos, além do desejo de expansão colonial. Assim propuseram alianças para a Rússia e ao Império Austro-Húngaro, mas devido às diferenças de interesses, a Rússia acabou se aliando à França, que até então estava isolada (o que era o plano alemão). A Inglaterra cogitou se aliar aos alemães, no entanto a expansão da marinha de guerra fez os ingleses sentirem seu poderio ameaçado e assim firmaram aliança com franceses e russos. (MORAES, 2017, p.158)

Do último terço do século XIX até o início da Grande Guerra aconteceram profundas transformações culturais que tiveram impacto expressivo na forma como as pessoas se comportavam, pensavam e viviam o cotidiano. Mesmo com as limitações de comunicação e com o atraso natural da chegada de novas tendências e novos costumes, a *Belle Époque* se fez presente no Brasil.

Das transformações e modernizações que ocorreram principalmente na capital federal, o Rio de Janeiro, pode-se notar que foram muito além da estrutura da cidade como a abertura de avenidas, demolições de cortiços e construções inspiradas na já

³ O período conhecido como *Belle Époque* vivio na Europa vai de 1871 com o fim da guerra Franco-Prussiano até 1914 com o início da Primeira Guerra Mundial. É um momento de euforia com desenvolvimento artístico e tecnológico. Já a *Belle Époque* brasileira tem um período um pouco diferentes, ele vai de 1889 com a proclamação da República até 1922 com a Semana de Arte Moderna.

realizada reforma de Paris feita pelo Barão Haussmann. As mudanças aconteceram também nos hábitos familiares, em que as pessoas aproveitaram mais o tempo nos espaços públicos, usavam expressões na língua francesa e se apropriaram da moda vinda da França que, por meio das revistas femininas, chegavam ao país.

O intercâmbio entre as línguas e as culturas francesa e brasileira resultou do contato entre elas, mas, principalmente, do arrebatamento manifestado pelo brasileiro face ao prestígio da cultura francesa. Os galicismos, palavras emprestadas do francês que foram incorporadas pelo português. Por exemplo: Bustier, boutique, cache-col, chanel, chic, escarpin, écharpe, évasé, fecho éclair, godet, jabot, lingerie, maillot, maquillage, mousseline, nécessaire, organdi, peignoir, pochette, prêt-à-porter, plissé, rouge, robe, soutien, tailleur, taffetas. (ZANON, 2005, p.20)

O estilo de vida carioca se transformou com o rápido desenvolvimento socioeconômico e as mulheres conseguiram sentir o impacto da modernidade nas suas vidas. Entretanto, não quer dizer que as condições sociais se reverteram, mas foram anos importantes para a construção do ideal da autonomia feminina (ARAÚJO, 1993, p.66). Foi possível perceber o aumento da alfabetização feminina no período, até mesmo pela necessidade de mais publicações destinadas a elas, as oportunidades urbanas se intensificaram e as mulheres das camadas superiores precisaram diversificar o vestuário (ARAÚJO, 1993, p. 81), além do fato de elas poderem andar sozinhas na rua, embora ainda continuassem a estar subordinadas a uma autoridade masculina.

Observando as vestes do fim do século XIX, pode-se perceber que havia grande volume de tecido e detalhes ornamentando as roupas. O que poderia ser considerado expressão do luxo e um diferenciador social, como afirma Laver (1989, p. 179) um dos princípios da moda é que uma vez aceito o exagero, ele se torna cada vez maior. Analisando as peças é possível ressaltar que uma das principais características era o uso de espartilhos que tornavam o corpo rígido, levantavam o busto e jogavam os quadris para trás, produzindo a postura na forma curvilínea de S. Além disso, era comum o uso da saia lisa em forma de sino (LAVÉR, 1989, p. 213). As pernas eram sempre cuidadosamente escondidas para manter a moralidade.

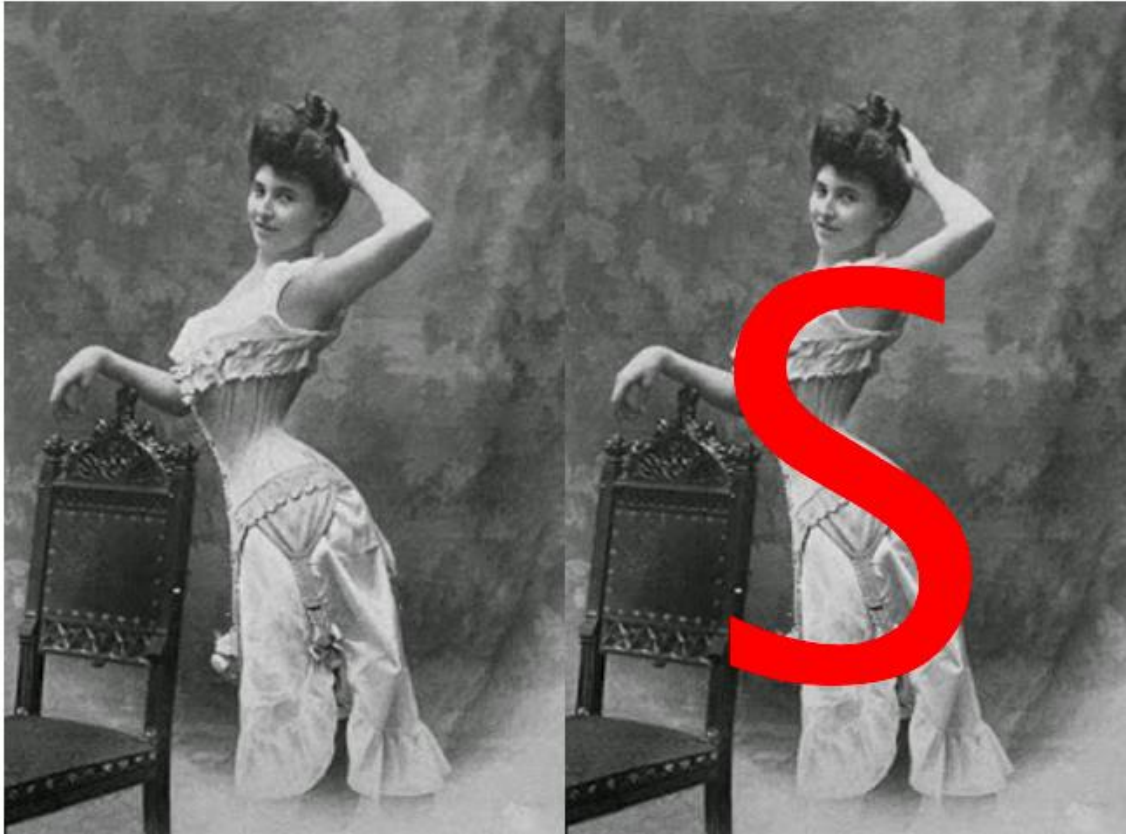


Figura 2 - Modelo de espartilho com comparação à ideia do corpo feminino em "S". Adaptado do site: NUNES, João. Site: Hist9alfandega, 2011.

Outra característica interessante são os braços completamente cobertos por mangas ou luvas. O uso de plumas era comum, além de roupas em tons pastel ou na cor preta e tecidos como crepe da China, *chifon*, musseline e tule. Também era utilizado o cetim com bordados ou pinturas de temas florais. Na vestimenta masculina era utilizado o terno com calça estreita com vinco e chapéu *homburg* ou Panamá (NERY, 2013, p.194).

A vestimenta feminina passou por grandes transformações ao longo dos anos e o fim do século XIX, até 1909, foi um período de ostentação e extravagância. Através das roupas, as mulheres mostravam para sociedade sua posição social já que os homens, por mais ricos que fossem, permaneciam com roupas sóbrias, sérias de 'homens de negócio'. Nesse jogo de aparências, suas mulheres faziam o papel de demonstrar o diferencial daquela família perante a sociedade. Como afirma Calanca (2008, p.68) para decifrar a linguagem do vestuário, é necessário analisar os indícios que revelam as posições sociais e as intenções pessoais. Precisava-se saber adequar

a própria condição e saber adotar os instrumentos necessários para informar ao outro sobre sua própria categoria social. Como afirma Gilda de Mello e Souza (1987, p.51)

[.] não é possível estudar uma arte, tão comprometida pelas injunções sociais como é a moda, focalizando a apenas nos seus elementos estéticos. Para que possamos compreender em toda a riqueza, devemos inseri-la no seu momento e no seu tempo, tentando descobrir as ligações ocultas que mantem com a sociedade [.] (SOUZA, 1987, p.51)

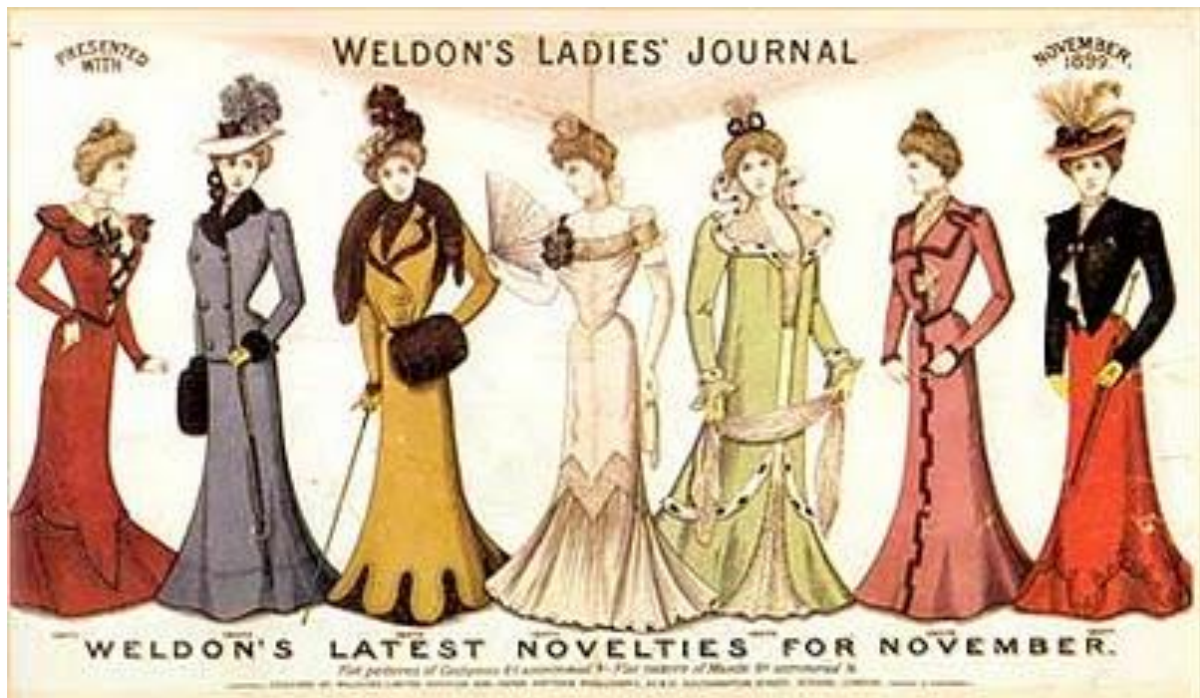


Figura 2: Mulheres usando vestidos com características do final do século XIX e início do XX. Fonte: Google. Acesso em 27/03/2020

Já a partir de 1910 a *Art Nouveau*⁴ com a onda de orientalismo e a ascensão do estilista Paul Poiret, as roupas femininas mudaram. As saias se afunilaram dificultando o andar, os passos deveriam ser curtos e, para não rasgar o tecido, amarrava-se um cadarço nas pernas para os passos não passarem de 5 a 8 centímetros. As golas deram lugar para o decote em “V”, o que escandalizou os mais conservadores (LAVÉ, 1989, p.225).

1.2 – A moda como elemento de distinção social

⁴ Foi um movimento artístico iniciado na Europa durante o século XIX e durou até meados do século XX, o intuito era romper com os modelos artísticos existentes trazendo originalidade tanto nas formas como nos materiais utilizados para sua construção.

O Brasil, do início do século XX, as mulheres se valiam das novas formas de se vestir como uma estratégia de autoafirmação e de participação da vida social de maneira relevante e visível (TEIXEIRA; SILVA, 2018, p.59). Em 1911, foi lançada a *jupe-culotte*, uma saia-calça que era mais cinturada no quadril e descia larga pelas pernas e fazia a divisão delas. Nos tornozelos poderia se ajustar ou terminar de forma ampla, o que foi motivo de grande polêmica não só pela roupa em si, mas pela discussão em relação às funções sociais atribuídas às mulheres. Para os conservadores, o uso da saia-calça era uma completa abominação e um exemplo das mulheres tentando se igualar ao homem. Outros associavam a nova moda a catástrofes que assolavam a cidade, embora os defensores afirmassem que não haveria maldade nenhuma no uso da peça, já ela – a *jupe-culotte* - estava sendo disseminada pelas moças das mais abastadas famílias. (ARAÚJO, 1993, p. 84)

Na Europa, as tensões ocasionadas pelas disputas de territórios coloniais continuavam e a corrida armamentista estava a todo vapor. Neste contexto se popularizou o conceito de paz armada. A cada crise as alianças se fortaleciam. De um lado a Tríplice Aliança (1882 – 1915) com Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália; e de outro a Tríplice Entente ou *Entente Cordiale* (1907 – 1917) com Inglaterra, França e Rússia. O crescimento alemão e dos Estados Unidos já ameaçavam o predomínio do Império Britânico, incrementando os investimentos em siderurgia que se tornavam cada vez maiores. A produção do aço estava acelerada, uma vez que todos queriam estar preparados caso a guerra realmente acontecesse. E ela não demoraria a chegar.

5

Em torno de 1913 e 1914 veio outra mudança na saia, quando se passaram a usar duas peças em sobreposição: a primeira saia justa e comprida e por cima a outra

⁵ As alianças que culminaram na Primeira Guerra Mundial são frutos de negociações e acordos bilaterais que foram formalizados publicamente ou tacitamente entre potências que buscavam proteção, manutenção de espaços de atuação ou garantia de auxílio em casos emergenciais. A Tríplice Aliança é formada ainda no século XIX e termina com a saída da Itália com uma assinatura secreta de um tratado com Inglaterra e França, passando combater diretamente as forças do Império Austro-Húngaro e do Império Turco Otomano. A *Entente Cordiale* é fruto de uma série de negociações sobre um suposto não envolvimento britânico para afetar a França, mas diante de uma aliança bilateral entre franceses e russos, os britânicos firmam o pacto que termina com a saída voluntária da Rússia em 1917 para resolver manifestações internas e de ordem urgente que culminaria na queda do Czar e na ascensão bolchevique. Cabe ainda informar que gradativamente outros países manifestaram seu apoio aos lados e a configuração dos beligerantes é mais extensa que esses seis acima listados, ao lado da Tríplice Aliança estiveram o Império Turco Otomano, Luxemburgo e a Bulgária. A *Entente Cordiale* foi capaz de arregimentar países com maior relevância e poderio como Estados Unidos, Japão, Sérvia, e outros periféricos como Cuba, Brasil, África do Sul, Índia, Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Rodésia do Sul, Romênia, Grécia, Portugal e Bélgica.

um pouco mais ampla e que carregava os detalhes da roupa. As plumas continuavam em moda, além do uso dos acessórios como chapéu e a combinação do sapato que são de grande importância para manter a elegância.

Na edição número 2 do Jornal das Moças, datada de 01 de junho de 1914, evidenciamos o seguinte apontamento:

. a toilette pode ser deslumbrante e a mais bella possível, mas a ausência do chapéu de tal modo reduz o valor de seu conjunto esthetico, que certamente nenhum representante do sexo chic se privará desse essencial ornamento quando tiver de apresentar-se em publico. [...] O sapato deve ser elegante e não espaventoso em seus ornamentos. Deve acompanhar o quanto possível, a cor do vestuário [...] [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n. 2, 1914)

Nas revistas femininas, as imagens e fotos usadas como sugestões a serem seguidas pelas leitoras tinham inspiração da moda produzida em Paris, que já havia desenvolvido uma imprensa de moda muito sofisticada (MENDES, 2009). Os moldes de papel para fazer a reprodução das peças eram baratos e as máquinas de costura haviam se popularizado, o que contribuiu para a produção doméstica das vestimentas e também para o uso da mão de obra feminina nas fábricas de confecção de roupas. Estes fatores proporcionaram a diminuição dos preços das mesmas.

Os anos da segunda revolução industrial são marcados por um forte aumento quantitativo dos produtos agrícolas e industriais lançados no mercado. [...] Entram, assim, no comércio “bens de consumo” como máquinas de costura [...] roupas em geral (íntimas, paletós, calças, meias). [...] Ocorre uma notável mudança nos modelos de consumo induzidos tanto pelos hábitos de vida urbana como pela introdução de novos métodos de distribuição de mercadorias no varejo. Nesses decênios se desenvolveram as grandes lojas com todas as “estratégias” para atrair consumidores. [...] (CALANCA, 2008, p. 137).

Como a roupa passa a ser um ponto de distinção social, muitos padrões criticavam o fato de as empregadas copiarem a forma de se vestir das patroas, desejando que elas se limitassem aos vestidos pretos, toucas e aventais (MENDES, 2009). A tentativa da burguesia brasileira, a exemplo da europeia, era se distinguir dos demais já pela roupa, bastando apenas um olhar direcionado à vestimenta para se perceber a qual camada social cada um pertencia. No entanto, a moda pode ser um elemento integrador e nivelador quando ela permite que o indivíduo se confunda com o grupo (SOUZA, 1987, p. 130). Um dos motores da moda é o constante desejo de se destacar como único, pois é no apreço e necessidade pelo singular que ela se transforma.

Nunca é demais ressaltar que a imprensa feminina brasileira disseminava as tendências internacionais diretamente para a burguesia devido a seu custo, explorando o hábito recentemente adquirido pelas mulheres de ler e obter conhecimento e informações mesmo que seja em casa. Como bem apontou Buitoni (1986, p.24), os jornais e revistas funcionam como termômetro dos costumes de época. Cada novidade é imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada.



Figura 3: Mulheres com saias duplas onde a de baixo é mais ajustada ao corpo enquanto a de cima é mais curta e tem detalhes em babados. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 5, julho, 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1914_00005.pdf. Acesso em: 11/01/2021

Logo no início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, as coleções de moda parisienses já estavam com a produção adiantada. Por isso, foram apresentadas como programado e, portanto, seus efeitos nas roupas foram sentidos apenas no ano

seguinte. No entanto, as consequências da guerra nas outras áreas foram rapidamente sentidas com a instabilidade financeira, as restrições de embarques de mercadorias para outros lugares e a diminuição do consumo de produtos da alta costuram (MENDES, 2009, p.41).

Como reflexo, as inovações aos poucos foram diminuindo e chegando com menos frequência ao Brasil. Um exemplo é estilo *tailleur* que se difundiu na França com facilidade, mas no Brasil ocorreu de forma nitidamente tímida, linhas mais sóbrias, menos tecido e com detalhes feitos pelos botões. Em relação aos chapéus, segundo o Jornal das Moças, “antes da guerra houve uma verdadeira inundação de chapéus *Canotiers*, de veludo negro, orlado dessas lindas pennas brancas”. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, 1914, n.13).

Para Laver (1989, p. 229), a Primeira Guerra abafou a moda e houve poucas coisas interessantes para se registrar até o final do conflito. As cores neutras e o preto preponderaram nos anos de guerra, contrastando com o cenário lastimável e as revistas de moda exibiam editoriais com roupas para o luto (TEIXEIRA; SILVA, 2018, p.53). Durante o período do conflito, o otimismo que prevaleceu na *Belle Époque* se esvaiu e o pessimismo se juntou ao desespero e o medo dessa guerra nunca acabar.



Figura 4: Modelos de *tailleurs* que surgiram em Paris e foram sugeridos para as mulheres brasileiras. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 13, setembro de 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1914_00013.pdf. Acesso em: 11/01/2021

1.3 – Mesmo durante o conflito mundial, a moda resiste

Conforme a guerra foi avançando, as revistas femininas como o Jornal das Moças foram comentando sobre o conflito e informando as mulheres não só sobre as roupas, mas os motivos pelos quais as inovações já não são tão constantes. Por mais que o intuito do Jornal das Moças fosse se deter aos assuntos que julgavam ser de interesse feminino, a Primeira Guerra Mundial se tornava grande demais para permanecer como assunto intocado. Para se manter fiel a linha editorial, a revista passou a estimular as brasileiras a fazerem suas próprias adaptações das roupas para

cada estação que chegava apesar da escassez de material e ‘inspiração’, mas sempre reforçando a importância da manutenção da beleza e a elegância.

Na edição número 13 do Jornal das Moças datada de 15 de novembro de 1914, a seção ‘Modas e Modos’ evidenciou que “o calor chega e as revistas de moda pouco ou quase nada têm revelado de interessante. A guerra afastou a moda para um canto”. Já na edição número 14, ressaltou-se que

O que caracteriza as vestes para a estação que ora começa, é o largo talhe das blusas folgadas e a insólita amplitude das saias. [...] estas saias, que são das mais elegantes, não tenham senão um fim: habituar-nos progressivamente ao uso das saias amplas que nos permitam maior esthetica nas nossas attitudes, dando maior liberdade e desenvoltura aos nossos passos. Um dos últimos modelos lançados e que parece ter obtido uma aceitação extraordinária é o dos vestidos com blusa ampla e com saias duplas. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n. 14, 1914)

O otimismo reinante no início do conflito foi se esvaindo, a certeza que a guerra seria curta foi se esfacelando e as consequências cotidianas passaram a serem percebidas em diversos segmentos. A moda não passou incólume a esse processo e o Jornal das Moças retrata a necessidade de aproveitamento de tecidos e de roupas, cujas características não estão diretamente ligadas aos padrões do estilista, mas aos moldes da economia de guerra que se solidificava.

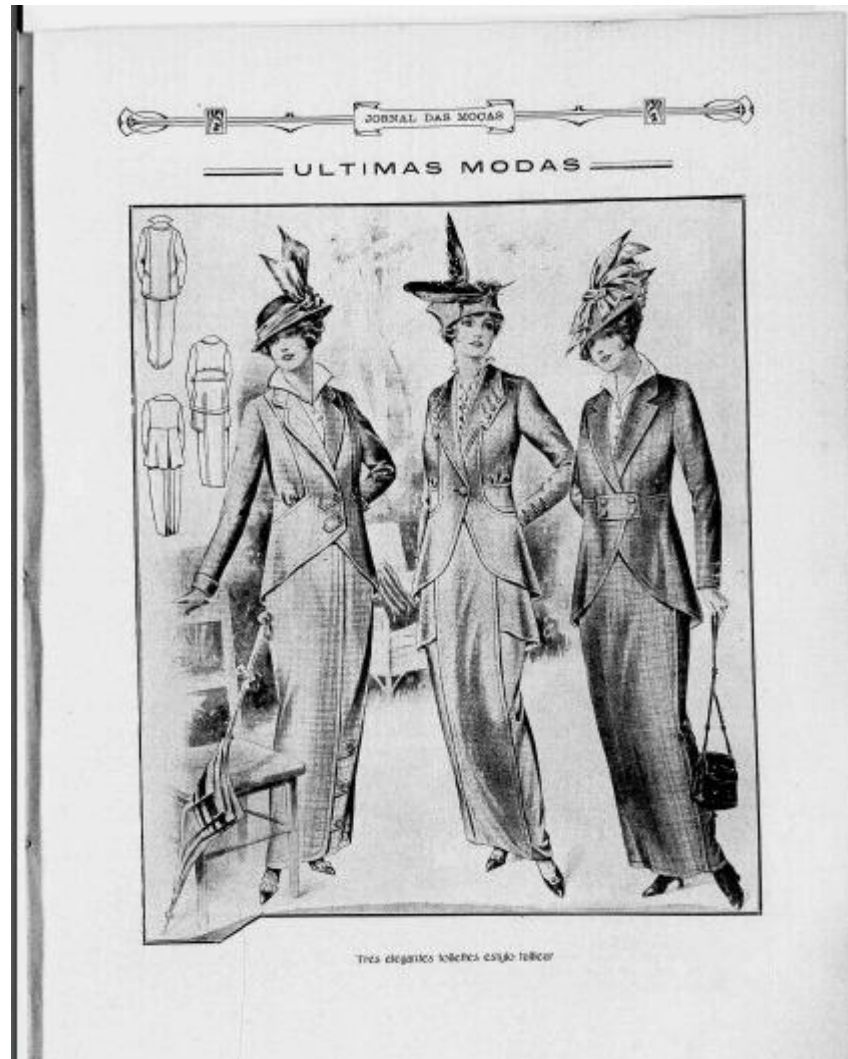


Figura 5: *Tailleurs* com corte mais simples e ajustados ao corpo devido à economia de tecido. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 9, dezembro, 1914. Disponível em” http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1914_00009.pdf. Acesso em: 11/01/2021

A revista, em uma das últimas edições do ano de 1914, publicou matéria sobre a preocupação com a guerra e já comentava como a moda seria afetada por tal acontecimento. O texto aponta que as roupas possivelmente passariam a refletir o momento que se estava vivendo, com a influência dos uniformes dos soldados na construção das novas coleções de moda feminina.

Na edição número 12 do Jornal das Moças, publicada em 01 de novembro de 1914, na seção ‘A arte de ser elegante’ foi descrito que

A preocupação, que actualmente absorve todos os espíritos, que é a rajada de loucura e de sangue que sopra sobre a Europa em peso não podia deixar de desviar, como desviou, os cuidados femininos para outras funções mais perigosas e mais delicadas que não as de dictar normas sobre a linha de uma saia, o talhe de um vestido ou o corte de uma blusa. Em França principalmente que decreta leis não só sobre moda mas sobre tudo que diz

respeito ao modo mais pratico de se passar a vida no melhor dos mundos possíveis, como aconselhava mestre Pangloss, os grandes magasins elegantes estão transformados em armazéns de costura as pressas consoante vão exigindo as necessidades da guerra. [...] De sorte que, com a conflagração europeia, as elegantes das outras partes do mundo tem de se ir contentando com a moda em vigor que continuará como ultima novidade até a ordem normal voltar aos paizes em lucta. Firmada a paz virá, além de outras consequências uma avalanche de modelos exquesitos e inesperados. [...] Não há duvida que a influencia da actual guerra na moda será decisiva, hão dever que os vestidos novos que surgirem lembrarão a forma de fardamentos das tropas em luta [...] [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n.12, 1914)

Com a guerra iniciada, a velocidade das mudanças aumentou e os estilistas deveriam trabalhar com uma matéria prima escassa, pois tudo era voltado para o *front*. As mulheres que antes se esforçavam para comprar roupas novas a cada troca de estação, agora deveriam adaptar as que tinham em casa para economizar, uma vez que ninguém sabia quando as dificuldades iriam terminar.

Mas as mulheres do fim do século XIX e início do XX já estavam vendo a passos lentos o seu espaço aumentar. A luta pelos direitos femininos vinha ganhando força e visibilidade em vários países, com a corrente feminista crescendo mesmo que na clandestinidade. Quando a Primeira Guerra estourou trouxe muita dor e sofrimento, mas também uma oportunidade para essas mulheres mostrarem seu valor, sua força, sua capacidade de ser independente e não depender da tutela masculina.

CAPÍTULO 2 - Anos de 1915 e 1916: O avanço da guerra e as transformações da moda

2.1 – As mulheres no centro da guerra e da moda

No decorrer do conflito, as roupas foram se adaptando aos materiais que ainda estavam disponíveis, pois a grande maioria estava voltada para a fabricação de produtos a serem encaminhados para as frentes de batalha. Assim, tecidos sintéticos passam a ser uma nova saída para a produção de roupas. Como afirmam Teixeira e Silva (2018, p. 54), os tecidos sintéticos ajudaram a democratizar a moda, pois ela poderia atender todos os públicos, incluindo as operárias, constituindo uma moda mais acessível e barata.

As mulheres que viviam nos países afetados pela guerra, após decorrido um ano, foram chamadas para assumir funções que anteriormente eram ocupadas pelos homens. Com esses homens agora servindo como soldados e a cada dia mais deles sendo convocados para exercer seu dever pátrio, as mulheres passaram a trabalhar fora de casa, nas fábricas confeccionando roupas comuns e uniformes, mas também fabricando armamentos e munições.

Cabe-nos ressaltar, como afirma Michelle Perrot (2015), que as mulheres já ocupavam os espaços sociais de maneira bastante consistente, porém, as narrativas históricas, grosso modo, as invisibilizaram e não ressaltaram a presença feminina nos diversos espaços, dando ênfase apenas aos papéis sociais desenvolvidos no âmbito privado. Essas mulheres estavam nos campos fazendo as plantações e colheitas para prover os alimentos, no front de batalha participando da guerra como enfermeiras, motoristas e outras atividades essenciais em tempos de guerra. O fato é que as mulheres se tornaram chefes de famílias, a saber, aquelas que deveriam produzir e trazer para a casa o sustento de todos.

[.] elas se imiscuem em lugares e tarefas masculinas nas quais se saem muito bem. Conduzem arados, automóveis e bondes. As “municionetes” manipulam obuses nas fábricas de armamento. As mulheres gerenciam seu orçamento, aprendem a lidar com dinheiro, recebem melhores salários. Fazem greves por seu aumento: em 1915, em 1917, manifestam-se em Paris, por iniciativa própria. Vão e vêm, fumam, tomam liberdades. Os homens criticam seus gastos, olham de esguelha para suas meias de seda, desconfiam de sua fidelidade. Ruptura de hábitos e de evidência, a sexualidade de guerra é problemática. (PERROT, 2007, p. 144)

Tomando como exemplo as mulheres britânicas, enfatizamos a afirmação de Denise Borille de Abreu sobre o câmbio da representatividade e dos papéis sociais atribuídos às mulheres durante a Grande Guerra:

Paradoxalmente, papéis de gêneros tradicionais e arquetípicos parecem ter sido subvertidos pela Primeira Guerra, o que contribuiu para uma evolução dos papéis sociais das mulheres. Por um lado, a fragilidade emocional, assim como a vulnerabilidade psicológica dos homens, era explicitada em narrativas femininas britânicas de guerra, tais como em *The Return of the Soldier*, de Rebecca West, e no romance *Regeneration*, da contemporânea Pat Barker. Por outro lado, algumas mulheres começavam a trabalhar como ativistas políticas, voluntárias da Cruz Vermelha, motoristas de ambulância, jornalistas e funcionárias em fábricas de munições, para citar alguns dos exemplos encontrados em testemunhos de mulheres. Outras, por sua vez, evoluíram da condição de vítimas caladas a pensadoras proativas, como nos mostra Vera Brittain, em seu relato autobiográfico *Testament of Youth*, e Virginia Woolf, em seu romance *Mrs. Dalloway*. As contribuições literárias de Virginia Woolf, Vera Brittain, Rebecca West e Pat Barker são revestidas de um significado histórico preciso e latente e, juntas, adquirem um papel importante na construção da memória cultural da Primeira Guerra. (ABREU, 2014, p. 401)

Anteriormente a 1914, as mulheres – em sua maioria – não possuíam autorização para gastar dinheiro sem o consentimento prévio do marido. Mas com a guerra, elas passam a ter seus salários gradativamente majorados, junto com o despojo das suas vestes. Assim, o desgaste da sua aparência pode representar símbolos da modernidade. Os corpetes e os prendedores de cabelo não eram mais prioridades para a mulher trabalhadora alinhada com os esforços de guerra, pois, para fabricar esses itens era necessário metal – material precioso para a indústria bélica. Nesse sentido, ressalta Jan Nielsen (2015), as mulheres foram substituindo as vestes elegantes de outrora, por outras mais práticas, como as calças e macacões. Já os cabelos curtos foram outra forma de viver em sociedade sem as restrições formais das relações anteriores à guerra.

De toda a forma, os homens não foram obliterados da memória. Ao buscar uma forma de homenagem aos soldados que estavam na guerra e como uma estratégia da moda para demonstrar esse sentimento nas suas criações, o momento vivido representado nas roupas femininas foi ganhando inspiração nos uniformes militares. Essa influência teve altos e baixos durante todo o período da guerra, além de diversos países adaptarem as vestes ao uniforme tradicional das suas corporações. A militarização se fez presente nas linhas mais estruturadas, nas aplicações nas blusas, botões e bolsos que não costumavam aparecer nas roupas femininas e nos próprios chapéus que ganharam ares de boina militar em algumas coleções. É importante

lembrar que nem todas as mulheres aderiram a esse novo estilo. Muitas preferiam usar outras tendências que não as fizessem pensar o tempo todo na guerra que estava acontecendo.



Figura 6: Vestes que surgem como referências do uniforme militar. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n.25, maio, 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1915_00025.pdf. Acesso em: 12/01/2021

A nova função social exercida pelas mulheres teve um papel predominante nas coleções de moda lançadas no período. Conforme encontra-se no texto de Valerie Mendes (2009)

Em 1915, vários estilistas introduziram referências militares em suas coleções, notavelmente nos trajes para o dia, e houve uma voga da cor cáqui. Jaquetas e conjuntos de corte sóbrio. Com silhuetas providas de uma leve cintura, tornaram-se componentes cada vez mais importantes no guarda

roupa feminino. [...] Tradicionalmente, as roupas da moda feminina raramente incluíam bolsos, mas, agora, bolsos chapados, espaçosos e práticos, tornavam-se uma característica proeminente, ecoando o funcional uniforme militar. [...] Como a lã era essencial para os uniformes, a sarja [...] muitas vezes era usada como substituta em trajes sob medida, e o fustão era apresentado como um tecido durável da moda. (MENDES, 2009, p. 43)

As revistas femininas começaram a trazer referências militares nas vestes, pois além de se adequar à guerra que acontecia também era uma forma de homenagear os soldados que lutavam nas trincheiras francesas do lado da Tríplice *Entente*, afinal as tendências eram inspiradas na moda parisiense. No Jornal das Moças, edição n.20 datada de 01 de março de 1915 foi escrito que

em Paris continua em ordem do dia a adaptação dos fardamentos militares as tolilettes femininas. O caso porém, é que, está na Europa, generalizando-se essa novidade, mas, como estamos muito longe do teatro da guerra, é possível que não chegue entre nós. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n.20, 1915)

O Jornal das Moças na seção que tratava sobre moda que vinha inspirada da Europa informava às leitoras que essa adaptação das roupas aos uniformes militares estava acontecendo, mas que não era de bom gosto e não deveria ser incorporada pelas leitoras brasileiras. A revista relatava esses modelos a título de informação e curiosidade, mas eles não seriam bem-vistos se circulassem pelas principais ruas brasileiras.

Na edição número 23 da revista foi ressaltado na seção “A arte de ser elegante”:

A militarização da Moda, é o que as senhoras estão actualmente fazendo na velha Paris luminosa das artes e do mundanismo refinado. Aparecem os chapéus á joffre, os vestidos a French, as blusas á Rei Alberto, etc., e outras modalidades de vestimentas homenageando a este ou aquelle typo representativo na actual conflagração européa. Si não é uma absoluta prova de mau gosto, também não é garantia de um apurado senso esthetico. [...] Um mau gosto terrível tem presidido as ultimas creações parisienses, a ponto de algumas senhoras adornarem-se com chapéus que não são nem chapéus nem kepis de soldadesca, e com vestidos que não são nem vestidos nem túnicas militares. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n.23, 1915)

Na edição número 27, de junho de 1915, o Jornal das Moças faz mais publicações lembrando as referências militares, enfatizando que “a guerra tem influído muito nos novos modelos de vestuários não só femininos como masculinos. Os vistosos uniformes militares têm sido imitados, quasi que copiados” [sic]. E nas vestimentas produzidas na França, essas roupas levavam cores que lembravam a bandeira francesa como o vermelho e o azul, mas também alguns modelos traziam predomínio da influência russa ou inglesa.

2.2 – Saia boca de sino e *Tailleur* entram na guerra da moda

Mesmo com a Primeira Guerra Mundial em curso, a moda não parou. Os estilistas continuaram a produzir seus desenhos e os ateliês atendiam ao público que ainda tivesse condições de gastar seus recursos com roupas. Claro que ocorreram momentos com mais inovações e outros de maior lentidão. No entanto, no Brasil não se estava apreciando as tendências vindas da França, que se passaram a ser alvo de críticas dos editores. Em algumas edições do Jornal das Moças, inspirações espanholas e inglesas foram apresentadas às leitoras como uma alternativa e agora ‘*démodé*’ moda parisiense.

Uma nova criação francesa durante os anos de guerra foi a saia boca de sino, que no Jornal das Moças foi muito criticada a princípio, mas acabou sendo incorporada as sugestões elegantes. A crítica veio pelo uso excessivo de tecido que seria necessário para confeccioná-la, além do fato de ser um pouco mais curta do que se estava habituado a se usar. Mas muito possivelmente essa nova moda foi introduzida como uma forma de se desvincular do grande conflito que estava acontecendo, uma forma de “esquecê-lo” ou talvez relembrar épocas mais felizes, mesmo que seja apenas nas roupas.



Figura 7: *Tailleurs* com saias boca de sino e comprimento menor. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n.54, junho, 1916. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1916_00054.pdf. Acesso em: 12/01/2021

No *Jornal das Moças*, edição número 31 do dia 15 de agosto de 1915, foi ressaltado que “e o absurdo se revela com força nas últimas saias bocca de sino que são um atentado a elegância verdadeira [...]” [sic]. Já na edição número 32 foi escrito que “uma dessas saias largas, e sem linha estectica, só pode dar, ao espírito de quem a contempla, uma ideia: o desperdício de muito panno em proveito de nenhum resultado” [sic]. Na mesma edição na seção ‘Modas e Modos’, chamou-se a atenção para o comprimento da roupa: “A forma curta das saias está sendo exagerada e isto não convem absolutamente, por motivos fáceis de compreender” [sic].

E foi enfatizado também que “a moda exige é que a saia desça até a altura do tornosello, deixando ver apenas o cano das botinas altas de panno, gaspeadas de verniz” [sic]. A revista também colocava o fato de essa moda não ser para todos os públicos, pois moças com um pouco mais de peso, mais velhas ou mais baixas não seriam favorecidas por esse tipo de saia.

Com a intensificação da guerra, o trabalho feminino tornou-se cada vez mais indispensável dentro dos países que se envolveram no conflito. Assim, as roupas foram passando por novas transformações, os estilistas deveriam criar olhando para as novas necessidades da mulher como afirmam Teixeira e Silva (2018, p.51). Libertar o corpo feminino do espartilho e dos adornos decorativos era uma necessidade. Com isso, a moda do *tailleur* passa a ser difundida em massa, inclusive no Brasil, e o uso dessa nova veste é amplamente divulgado pelas revistas femininas, trazendo sugestões elegantes e como deve ser usado pelas leitoras.



Figura 8: *Tailleurs* de corte simples sem muitos ornamentos passam a ser indicados no Jornal das Moças para o uso das brasileiras. Fonte: Jornal das Moças, n. 47, abril, 1916. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1916_00047.pdf. Acesso em: 12/01/2021

A moda do *tailleur* tornou-se mais popular a partir de 1915, aproximava o corte da roupa feminina à masculina, compondo duas peças, com parte de cima, muitas vezes remetendo ao desenho de paletós femininos (TEIXEIRA; SILVA, 2018, p. 64). Esse traje já fora usado muitas vezes antes, como diz Rosane Feijão (2012, p. 17), quando uma primeira aproximação do vestuário feminino com o masculino se deu durante a década de 1860 com o surgimento do *tailleur*. O traje, considerado então apreensivamente masculino, só passou a ser efetivamente utilizado após 1880, quando as mulheres começam a ocupar espaços até então somente frequentados por homens.

Mas muitas mulheres se sentiam apreensivas de utilizá-lo pela semelhança com a roupa masculina. No entanto, com a Grande Guerra acontecendo e as mulheres assumindo as posições masculinas na sociedade o ‘desconforto’ deixa de ser uma questão e finalmente o uso do *tailleur* passa a ser recomendado pelas revistas femininas. No Jornal das Moças edição n.47 datada do dia 16 de abril de 1916 a seção ‘Modas e Modos’ tratou sobre os *tailleurs* reforçando que:

“o costume *tailleur* continua a ser o grande favorito do momento: é pratico, simples, elegante e commodo. Muitas senhoras o adoptam exclusivamente. Dahi a sua superabundancia nos theatros, nos chás, nas visitas, nos passeios etc.”. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n.47, 1916)

A sugestão da revista é que ele seja confeccionado em casimira fina sem ornamentos. Durante os anos de 1915 e 1916, algumas modas tentaram ser reavivadas como a dos coletes rígidos e apertados, mas foi rechaçada pelas mulheres que não queriam e nem poderiam ter seus movimentos limitados de novo. Outra que surgiu foi a roupa esportiva sendo adaptada para uso diário, como os cardigãs de tricô e os casacos esportivos de tricô que as mulheres tricotavam em casa. Tudo porque na época a prática esportiva incluindo as mulheres passou a ser incentivada para combater o ócio e os hábitos mundanos da juventude, além dos “quilinhos a mais” (PRIORE, 2000). No Jornal das Moças em 15 de maio de 1915 foi escrito que

os elegantes antigos sempre se entregaram com ardor a toda a sorte de sports. E nada mais natural. Os exercícius desenvolvem o corpo, tornando-o assim mais bello. Não há belleza sem saúde. D’ahi a elegância, nascida da saúde, portanto amiga dos sports [.]. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n.25, 1915)

2.3 – O luto como expressão da moda

Sem sombra de dúvidas, dos lançamentos de moda feitos nessa época o que mais teve alcance foi a moda relacionada ao luto. Não importava a camada social a qual se pertencia, todos perderam seus entes queridos na guerra, e os estilistas passaram a fazer coleções inteiras com essa temática. Segundo Mendes (2009)

Para o luto, o preto continuou a ser usado, e o crepe continuou a ser o tecido aprovado, mas as regras que governavam os funerais e a etiqueta do luto foram relaxadas porque muitas mulheres que contribuíam para o esforço de guerra não podiam segui-las. Sentia-se, porém, que, mesmo em tempos de luto, a moral devia continuar alta, e os jornais de moda ofereciam soluções elegantes em preto para o vasto número de mulheres que haviam passado por perdas. (MENDES, 2009, p. 44)

Em diversas edições o Jornal das Moças trouxe sugestões para as roupas dedicadas ao luto, sem perder é claro o senso de moda utilizado em cada momento, além de ter delicadeza ao escrever sobre o tema.



Figura 9: Sugestões de roupas para o luto. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 79, dezembro, 1916. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1916_00079.pdf. Acesso em: 12/01/2021

No Jornal das Moças evidenciamos algumas publicações sobre o uso do preto e outras cores mais sóbrias e escuras por causa do luto, também sobre a utilização de estilhaços de granadas como joias por aquelas pessoas que sofreram perdas devido a guerra. Na edição n.71 a seção Modos e Modas, falou-se sobre a moda do luto:

O luto está bastante modificado e já perdeu aquelle aspecto pesado e triste de outr'ora. Na realidade, apesar do luto traduzir o sentimento e demonstrar que quem o usa abstem-se dos folguedos sociaes, elle pode ser usado com elegancia discreta e mais agradável. Além dos enfeites brancos adaptados ao luto, as fazendas das toilettes são leves e vistosas. Temos visto muitas senhoras e senhoritas assim vestidas. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n.71, 1916)

A moda continuou a transformar-se ao longo de 1916 e algumas mudanças foram pontuadas por Mendes (2009, p.46) como blusas sem abotoamento e o desenvolvimento do sutiã a partir do corpete de busto. O Jornal das Moças lembrava suas leitoras que as roupas para estar na moda deveriam ser adaptadas de roupas que elas já tinham devido à escassez de material.

Para além das mudanças efetivas nos modos de vestir e se comportar, fica evidente que esse período inicial do conflito bélico mundial abriu espaço para uma profunda mudança social no status das mulheres e que culminará, como enfatiza Jan Nielsen (2015), no direito de voto ao final da guerra em 1918.

Por fim, cabe-nos ressaltar que alguns estudos feministas apontam um pré-acordo para o voto feminino ainda antes do início da guerra. Entretanto, fazendo um contraponto entre as duas afirmações é plausível asseverar que a guerra acelerou a concessão do voto e o aumento do status das mulheres na sociedade mundial.

CAPÍTULO 3- As consequências da Primeira Guerra Mundial na moda e no comportamento

3.1 – A escassez de ideias abre oportunidade para novas inspirações

No decorrer da guerra, as novidades do mundo da moda foram ficando cada vez mais escassas. E com a intensificação do conflito todas as forças se voltaram para os campos de batalha que demandavam de mão de obra crescente a cada dia, seja para a produção de alimentos, armamentos e todo tipo de serviço ou produto essencial. Assim, o Jornal das Moças faz uma publicação dizendo que, devido à guerra, a França não tem condições de continuar produzindo moda. A edição n.106 do dia 28 de junho de 1917 traz essa nova problemática.

Está encerrado, Deus sabe por que espaço de tempo o grande laboratório da moda, que foi até então bella terra franceza. Nem a França, nem todo o continente europeu está agora para pensar em modas. As nações belligerantes não se ocupam mais do que de seus exércitos, de lutar e vencer, e não há família que não tenha no campo de batalha um ou mais dos seus membros. Por esse motivo nunca teve mais valor do que actualmente para as senhoras brasileiras uma chronica de moda. [...] [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n. 106, 1917)

Com a falta de novidades no âmbito da moda, a revista feminina trouxe sugestões de criação própria para as brasileiras seguirem e nos artigos tentava estimular para que as mulheres fizessem suas próprias adaptações ou mesmo que confeccionassem em casa produzindo sua própria moda. Na visão da revista, quando mais simples e sem extravagâncias, mais elegante a roupa seria. Na mesma edição citada acima, a número 106, foi escrito que

[.] Porque não havemos nós, brasileiras de, aproveitando a oportunidade, libertar-se do jugo exercido até agora pela França em matéria de modas? Não temos mais necessidade de seguir incondicionalmente tudo que vem de Paris em assumpto de moda. A senhora brasileira deve, valendo-se do ensejo, emancipar-se d'essa tutela, por isso que, naturalmente intelligente, graciosa e elegante, não precisa felizmente, de adoptar, seguir modelos já usados, visto não haver novidade e submeter-se a creações. Pode se muito bem crear e fantaziar modas graças ao grau de cultura intellectual e artística a que attingiu.[.] [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n. 106, 1917)

Nesse momento, a moda do orientalismo, já vista no mundo da moda no início do século XX, estava de volta. Nesse estilo, que se inspira em vestimentas tradicionais de países do Oriente, principalmente o Japão, há predomínio de tecidos leves,

bordados e faixas amarradas na cintura. Entretanto, essa modelagem não ficava adequada para qualquer tipo de corpo, com as magras e altas sendo as mais privilegiadas.

Como alternativa, outros modelos surgiram no mesmo momento com linhas mais simples como é o caso das “camisas vestidos”, que possuíam alguns poucos franzidos e aplicações de botões e o volume da saia também vinha diminuído para poupar tecido.



Figura 10: Vestimentas que trazem uma referência do orientalismo. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 162, 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1918_00162.pdf. Acesso em: 13/01/2021



Figura 11: Sugestão de "camisa- vestido". Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 115, 1917. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1917_00115.pdf. Acesso em: 13/01/2021

Mais uma vez, as roupas são adaptadas ao momento vivido devido à guerra havendo um limite indicado pelas costureiras do que devia ser usado para a confecção de uma nova roupa. Não seria correto esbanjar tecido já que o momento era tão delicado. Os tecidos deviam ser destinados para a confecção dos uniformes dos soldados e qualquer outra possível utilidade militar tinha preferência. Aqueles que não foram para as frentes de batalha deveriam utilizar o mínimo possível e, principalmente, reutilizar as roupas que já possuíam fazendo as adequações para cada estação do ano.

As transformações das roupas eram realizadas na maioria das vezes por mulheres que estavam trabalhando fora de casa e ainda se dedicavam a essa função para economizar. Afinal, comprar roupas novas ou ir à modista era algo caro para o

momento e que estava praticamente fora de cogitação. Essas mulheres, mesmo exaustas pelo acúmulo de funções, estavam se destacando pela sua força e capacidade de trabalho durante toda a guerra e foram ganhando espaço dentro do exército. Em algumas publicações, o *Jornal das Moças* tratou de como as mulheres eram uma força emergente que deveria ser reconhecida, nominando-as de “substituta do homem”. Na edição número 81 foi publicada uma coluna com o título ‘A obra feminina na actual guerra’ e lia-se algumas menções francesas e inglesas sobre o reconhecimento dos seus esforços.

Uma verdadeira revolução social opera-se com o actual conflicto europeu. A mulher toma posições salientes no tectrico momento, que arrasta a Europa a uma das mais horríveis rajadas de sangue.

Albert Thomas, personalidade em evidencia do actual gabinete francez, acaba de fazer mais um vibrante apelo a todas as mulheres francezas convidando-as a collaborarem na obra de defeza nacional.

Desde o inicio desta grande guerra que tem sido posta á prova a coragem e a tenacidade da mulher, qualidades essas ha muito reconhecidas e, que agora encontraram oportunidade exceilente para serem evidenciadas. [...] A mulher imponente na sua magestade de Belleza, tem nesse sacrificio todo realce, pois ella demonstra não ser somente a mãe, a defensora do lar, com direitos secundários, é também a substituta directa do homem, a actividade, que num movimento de cohesão e amor, corre em auxilio dos governos, prestando todos os serviços necessarios á salvação das nacionalidades. Aquelles, (anti-feministas) que não acreditam na força de vontade da mulher devem agora contemplar esse drama que se desenrola na Europa onde ella apparece sublime para o Trabalho, suavizando também a Dor dos martyrisados. [sic] (*JORNAL DAS MOÇAS*, n. 81, 1917)

Com a participação das mulheres nas diversas áreas da sociedade começou a ganhar força dentro do Brasil a luta pelo direito ao voto. Alguns reconheciam o potencial feminino para analisar e tomar decisões sem a interferência masculina, já outros se sentiam incomodados com o fato de mulheres discutirem política. Na revista foi escrito algumas vezes que os maridos poderiam não se sentir confortáveis com suas esposas repetindo constantemente o nome de outro homem dentro de casa. A queixa era que quando retornavam do trabalho, ao invés de encontrar a paz e uma zelosa esposa, encontrariam rivalidade política. O *Jornal das Moças* deu espaço em suas edições para as discussões a respeito do assunto que ganhava cada vez mais adeptos.

Na edição n.106 foi lembrado que outros países haviam concedido esse direito ou estavam analisando concedê-lo: “Na Inglaterra passou já uma lei dando direito de a mulher votar. Na Rússia, foi essa uma das grandes conquistas da revolução que dali expulsou o autocratismo, a escravidão e a ignorância [...]” [sic]. No entanto, na mesma

edição foi lembrado que a guerra estava trazendo a escassez de todo tipo de material, inclusive papel, e a revista teve dificuldades em encontrá-lo para sua publicação. Por isso, a ordem era não tratar de assuntos mais importantes, evitando o desperdício de espaço com temas sem relevância.

O retorno da moda oriental e a manutenção dos *tailleurs* como pauta podem ser vistos como uma consequência dessa reivindicação feminina, a saber 'o voto', e não apenas a falta de inovação da indústria devido à guerra. Nery (2013, p. 195) afirmou que na Inglaterra após os movimentos de emancipação da mulher, o *tailleur* ganhou simpatia e cada vez mais seguidoras. Com sua participação ativa na guerra as mulheres conquistaram direitos e independência financeira que mais uma vez se reflete na moda, pois as roupas passaram a se moldar para o trabalho, prática esportiva e divertimento (TEIXEIRA; SILVA, 2018, p. 66).

O assunto sobre o voto feminino saiu de cena quando o Brasil teve alguns navios afundados pela Alemanha, que declarou guerra à Tríplice Aliança. Desde o início do conflito, nosso país colocou-se como neutro, seguindo as regras internacionais necessárias para isso. No entanto, os alemães, em retaliação ao estabelecido comércio entre Brasil e as potências inimigas daquele país, reagiram afundando navios cargueiros brasileiros. Isso causou um grande debate sobre a posição de neutralidade, manifestações pela entrada do Brasil na guerra e hostilidades contra os alemães residentes no país.

O que era a identidade brasileira, tornou-se assunto para discussão. Escolas alemãs deveriam oferecer o idioma português e atividades patrióticas com elementos nacionais para os(as) estudantes, uma forma de deixar claro as características do país em que eles residem e aquilo que deveriam privilegiar (PEREIRA, 2017).

Os jornais e revistas da época foram palco para os debates entre os que eram a favor ou contra a entrada do Brasil na guerra, como responder aos ataques alemães e o *Jornal das Moças* não ficou de fora. Tanto que fez uma publicação sobre a polêmica em 8 de novembro de 1917 e chamou suas assinantes para integrar cursos de enfermagem e auxiliar a Cruz Vermelha caso fosse necessário, pois com o aumento da guerra era preciso arregimentar cada vez mais gente para alcançar a vitória. O posicionamento era claro e direto:

Em se tratando da coparticipação do *Jornal das Moças* no movimento que avassala todo o Brasil, como um só gesto, contra a influencia allemã, contra os bárbaros que torpedeiam navios mercantes desarmados, e indefezos, [...]

Assim, o nosso posto é lá, na Europa, na África, na Ásia, em todo e qualquer ponto da terra onde os nossos aluados estejam batendo-se contra os bárbaros da Europa Central.

Ora, como a nossa participação militar será uma realidade, mais hoje mais amanhã, é de bom aviso que se preparem desde já os nossos elementos de defeza e de ataque. E elles são muitiplos e affectam varias formas. A nós, ao Jornal das Moças, cabe tambem uma parcella na defeza da Pátria, da nossa dignidade, na defeza da Liberdade da Humanidade.

E não queremos, nem devemos demorar mais a franca manifestação da nossa solidariedade ao governo do paiz, que neste momento tem toda a sua actividade e energia voltadas para o preparo militar do Brazil. E' assim que o Jornal das Moças resolveu organizar um corpo de enfermeiras, recrutado entre as nossas leitoras, assignantes e colaboradoras.

Representantes da mulher brasileira, nenhum outro meio melhor se coaduna com os nossos destinos, que esse de prestar um precioso serviço ao nosso paiz. E se um dia se fizer necessária a nossa ida para os campos de batalha, o Brazil terá na Cruz Vermelha do Jornal das Moças, um auxiliar útil, capaz de bem corresponder" ás necessidades do serviço sanitário militar.

Fica aqui a nossa idéa, estando em nossa redacção a matricula aberta para as senhoras e senhorinhas que se quizerem incorporar á Cruz Vermelha do Jornal das Moças. Uma vez matriculado um numero sufficiente de candidatas a enfermeiras, cuidaremos da organização da nossa Cruz Vermelha, para a qual já temos um hospital, onde podem as nossas futuras enfermeiras receber a necessária instrucção technica. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n.125, 1917)

A revista que nas suas colunas de moda anteriormente criticava o ajuste da saia mais próximo ao corpo, agora com o Brasil se preparando para guerra trata essa mudança da moda como elegante e uma maneira de demonstrar patriotismo. Afinal, agora com a participação do país na guerra, era necessário economizar recursos, entre eles tecido para que não faltasse nada aos soldados que seriam enviados para o *front*. Ressaltava-se também a importância da economia com gastos não essenciais. As brasileiras agora deveriam costurar em casa e se não fosse possível pelo menos realizar o bordado de suas roupas, nos tons de ouro e prata que estavam em alta, para diminuir a conta da modista.



Figura 12: Imagem de uma saia mais curta e mais próxima ao corpo ressaltando as formas femininas. O uso foi criticado pela revista. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 160, 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1918_00160.pdf. Acesso em: 13/01/2021

Como em outros períodos durante a Primeira Guerra Mundial houve adaptações dos uniformes militares para vestimentas que as mulheres usassem. Nos anos 1917 e 1918 essa modificação vem dos uniformes dos marinheiros, levando em conta que os soldados mandados pelo Brasil para a guerra eram em grande parte marinheiros.

Na edição número +148 datada de 18 de abril de 1918, a seção 'Chronica' fala que "Os nossos marinheiros. vel-o-heinos partir, fazendo frente a avalanche sangrenta que se desencadeou sobre o mundo, n'um dilúvio de lagrimas; vel-o-hemos partir sem lamentações, porque quando justa é a causa, nobre é o dever de defendê-la" [sic]. Em 1918, na Inglaterra, houve a tentativa da introdução de um vestido padrão nacional

que remetia aos uniformes, mas aparentemente não se difundiu (LAVÉ, 1989, p. 229)



Figura 13: Vestidos que têm como referência os uniformes dos marinheiros. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, 1917, n. 114. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1917_00114.pdf. Acesso: 13/01/2021

3.2 – A Gripe Espanhola toma o lugar de morte da guerra

Nos anos 1917 e 1918 alguns fatos relevantes foram determinando o fim da guerra, entre eles a Revolução Russa de 1917 que fez o país assinar um acordo com os alemães e deixar a guerra mergulhando nos seus próprios problemas e divisões internas. Com o fim da frente oriental de batalha esperava-se que a Alemanha voltasse toda sua força para o ocidente e os soldados entrincheirados na França veriam mais

uma vez uma guerra de movimento. No entanto, no mesmo ano em que a Rússia sai, os Estados Unidos entram na guerra ao lado da Tríplice Entente e desequilibram o conflito com seus soldados motivados, seu arsenal de armamentos novos e com potencial de destruição gigantesco. Finalmente se começava a enxergar o fim para esse conflito, mas outro mal poderia ter um potencial tão mortal quanto a guerra. Era a Gripe Espanhola, que começava a se espalhar por todo mundo em 1918.

Atualmente, 2021, o mundo vive uma nova pandemia, a Covid 19, que em muitos aspectos pode se assemelhar com a gripe espanhola. Até o presente momento, de entrega dessa pesquisa, somente no Brasil foram totalizados mais de 530 mil óbitos ligados direta ou indiretamente as complicações da COVID 19, mais de 19 milhões de brasileiros foram infectados. No mundo todo, somam-se 4 milhões de mortos, num total aproximado de 185 milhões de contaminados. Os casos continuam aumentando, o Brasil representa sozinho pouco mais de 10% do total mundial de infectados e mortos, atrás apenas dos EUA que tem uma população total de 331 milhões de habitantes contra 211 milhões do Brasil. As formas de tentar conter a doença com fechamento de comércio, incentivo ao isolamento social, o uso de máscaras é parecido pelo que é descrito no Jornal das Moças, além do fato de não existir um tratamento conhecido para a doença.

GRIPE ESPANHOLA

A gripe espanhola não tem uma origem definida, o que se sabe é que ela foi uma mutação do vírus Influenza. Os primeiros casos apareceram nos Estados Unidos em março de 1918, o número de contaminados aumentou rapidamente, no entanto as pessoas não foram prontamente alertadas sobre o perigo da doença.

A Primeira Guerra Mundial estava em curso e para não desanimar os soldados, preocupar a população ou parecer fraco diante do adversário as notícias sobre a doença foram abafadas. Porém a própria movimentação dos exércitos em guerra facilitou a disseminação da doença que foi letal para milhões de pessoas em todo o mundo.

Como não havia um tratamento conhecido para a doença os médicos testavam remédios e tentavam aliviar os sintomas (febre, dores no corpo, tosse, intolerância a luz etc.). Para evitar que a doença se espalhasse ainda mais foi

implantado o isolamento social, fechamento do comércio, escolas e o uso de máscaras.

O Brasil foi atingido pela segunda onda de contaminação em agosto/setembro de 1918, possivelmente a doença foi trazida em um navio que vinha da Inglaterra e parou em vários portos brasileiros, disseminando assim a doença em várias regiões. O país também adotou as medidas necessárias para tentar conter a gripe.

A gripe espanhola é chamada assim pois a imprensa da Espanha (o país não estava participando da Primeira Guerra Mundial) foi a única a noticiar a doença e a gravidade real que ela representava. [sic]

SOUZA, Christiane Maria da Cruz de. A epidemia da gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out. dez, 2008, p. 945 – 972.

COVID – 19

A doença conhecida como COVID-19 (coronavírus) originou-se em um mercado de frutos do mar da cidade de Wuhan na China, acredita-se que o vírus Sars-CoV-2 possua como hospedeiros determinadas espécies de morcegos e o pangolim, um animal consumido como alimento exótico em algumas regiões da China.

Os primeiros casos começaram em dezembro de 2019 e em fevereiro de 2020 a doença chegou ao Brasil.

Na tentativa de conter a doença que até então não tem um tratamento ou remédio reconhecidamente eficaz foi adotado em diversos países as medidas de isolamento social, quarentena, uso de máscaras e álcool em gel, recomendação de processos de higiene para evitar a contaminação, além do fechamento de escolas e comércios.

SÁ, Dominichi Miranda de. Especial Covid-19: os historiadores e a pandemia. *Fiocruz*, 2020. Disponível em: http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1853-especial-covid-19-os-historiadores-e-a-pandemia.html#.X_79juhKjIU. Acesso em: 13/01/2021

No Brasil, o ápice do contágio pelo vírus Influenza causador da Gripe Espanhola acontece em torno de outubro, registrando milhares de corpos amontoados esperando seu enterro, comércio fechado e ruas vazias até o final de 1918. O Jornal das Moças fala sobre o assunto em suas edições, na de n.176 foi escrito que

[.] Não se tem sciencia de um mal térrivel que ceifasse tantas vidas como este que vem imperando ha mais de quinze dias, nesta capital e n'alguns Estados. Realmente, sem contestações, reaffirmo que á maldita «infiuenza hespanhola» fez muitas desgraças, enlutou muitas casas e paralysoou o nosso commercio de uma tal forma que, com immensa diificuldade conseguíamos comprar alguns gêneros de primeira necessidade. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n. 176, 1918)

Os(as) jornalistas relatavam sua indignação por nunca terem visto mal tão terrível e que abalasse tanto a vida do país. No Jornal das Moças alguns anunciantes faziam propagandas de produtos que diziam ser a cura da doença, mas o fato é que não funcionavam. Na edição n.178, relatava-se sobre as ruas desertas e o isolamento na capital federal, além dos sintomas para as pessoas que pegaram a doença. No relato, o Rio de Janeiro parece irreconhecível:

As raras pessoas que tiveram a felicidade de não serem atingidas pela chamada «Infiuenza hespanhola», ficaram n'uma próstração extrema, como se tivessem levado uma formidável tunda! Foi o que succedeu commigo e cora muitas pessoas, durante esse tempo de pavor e melancholia. Que tristeza! Que solidão! Acostumada sempre a ver as ruas movimentadas e cheias de animo, que profunda saudade não senti!

As ruas semi-desertas, os estabelecimentos commerciaes fechados por falta de empregados, o ar pesado e abafadiço, emfim até a natureza apresentava entristecida!

Foi assaz impressionante e desolador o aspecto da Cidade em a quadra que passamos.

[..]

Realmente, a moléstia que avasallou a nossa linda Capital foi cruel e impiedosa, fazendo uma espantosa mortalidade! Esta gripe já andava ha alguns meses na nossa Cidade sem ninguém descobrir, mas em Outubro é que ella veio mais forte, ceifando imensidade de infelizes. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n. 178, 1918)

Mesmo em meio a tantas adversidades, a discussão sobre a emancipação feminina continua variando entre maior e menor ênfase. No Jornal das Moças, homens e mulheres publicavam suas opiniões sobre o tema e não era possível esquecer que nos últimos anos as mulheres haviam provado seu valor, determinação e capacidade. Na edição n.169 de 1918, em uma coluna destinada à discussão do tema foi abordado com firmeza de opinião:

Deverá sempre a mulher ser dependente do homem? Pensamos que não. Na paz como na guerra, a observação nos tem provado que a mulher tem outros fins a cumprir." Além de ser ressaltado que a mulher deve estar com um homem por que quer estar e não por que precisa estar. E o homem que tiver a felicidade de ter uma esposa que comprehenda a sua independência poderá dizer com orgulho, sou o marido que preferes, não sou homem de 'que precisas. A mulher deve ao homem a sua fidelidade, mas nunca a sua liberdade. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, n. 169, 1918)

A moda passa por transformações em períodos de guerra ou paz, mas a Primeira Guerra Mundial aconteceu em um momento em que as mudanças estavam se tornando cada vez mais céleres, as tecnologias proporcionando progressos até então inimagináveis, os países investindo em crescimento industrial e bélico. As mulheres lutam por mais espaço e exigem que suas opiniões, pensamentos e ideias também fossem ouvidos. As roupas com suas mudanças têm a capacidade de traduzir no tecido e ornamentos tudo aquilo que estava sendo discutido na sociedade, afinal as vestimentas são frutos de sua época e podem e devem ser estudadas levando o contexto de produção em consideração.

Conclusão

A análise de fatos históricos a partir das mudanças ocorridas na moda é possibilitada pelos materiais que ficaram conservados, sendo eles as roupas propriamente ditas ou, no caso desse estudo, pela conservação dos jornais que traziam esse tipo de informação. Usar a moda para ensinar História é mostrar para os(as) estudantes uma nova linha de pensamento, aproximando a fonte histórica da sua aprendizagem sobre o tema. O objetivo é fazer com que ele(a) reflita que a História não é apenas composta de fatos oficiais, mas tudo que envolve a composição da sociedade em determinado período se torna relevante para compor a aprendizagem. Nessa perspectiva, investigamos vestígios não usuais do passado e dessa forma os(as) estudantes podem perceber que a História se desdobra de inúmeras formas e que todas elas são importantes para a reconstrução dos fatos a sua compreensão integral.

A moda tem muito a acrescentar devido a transformações das roupas ao longo dos anos, onde os mínimos detalhes podem levar a interpretações de ideias que circulavam na sociedade e impactavam na vida daquelas pessoas. E mais: Como foi possível a adaptação às mudanças, aceitando-as ou recusando-as. Como toda e qualquer experiência humana em sociedade, as transformações são fáceis para alguns e difíceis para outros. A adaptação pode ser um desafio e os jornais deixam isso claro, muitas vezes retratando favoravelmente as novas tendências, mas em seguida criticando-as duramente.

Através dos jornais disponíveis da época podemos analisar sobre a mentalidade e as discussões que monopolizavam os corações e mentes. O Jornal das Moças deixa claro que a sociedade era machista e conservadora, contudo, as mulheres lutavam por espaço e a Primeira Guerra Mundial deu a elas a oportunidade de mostrar a sua capacidade diante de todo o mundo, o que tornava quase impossível não reconhecer o seu papel fundamental para cada país durante o desenvolvimento do conflito.

Poderíamos fazer nesse final de percurso uma pergunta derradeira: A guerra emancipou as mulheres? A resposta mais sincera seria 'não completamente' ou 'sim parcialmente'. Tanto faz. Porém, a intensidade do conflito e seus desdobramentos foram cruciais para uma reestruturação dos papéis sociais femininos no mundo todo.

As mulheres ganharam força através das mudanças que se faziam necessárias pelo contexto vivido e isso as impulsionou para conquistar cada vez mais, reivindicar sua liberdade. Tal movimento ficou claro nas posturas adotadas e nas roupas modificadas. Como a revista mostra, elas não aceitariam retroceder, as vestes continuaram seu processo de mutações para trazer à tona a nova postura feminina que se desenhou durante e pós Primeira Guerra Mundial. A guerra permitiu muitas mudanças, porém, a maioria não teve seguimento para as mulheres, destarte, não significa que após tais feitos em diversas esferas, as mulheres voltariam à estaca zero.

Há muito tempo se discute como estimular o interesse dos(as) estudantes pelo conteúdo das disciplinas, como aproximar o científico do cotidiano, trazer o contexto vivido pelos(as) estudantes para dentro da sala de aula e, a partir disso, ensiná-lo. A moda é uma dessas opções, uma fonte histórica rica que está presente no dia a dia de todos e que muda na velocidade que a própria sociedade se transforma. Discutir esse tema, que parece banal para alguns, pode trazer valiosas percepções que devem ser aproveitadas e incorporadas pelo(a) professor(a) na discussão do tema trabalhado em sala de aula. Os(as) estudantes têm muito a acrescentar se os caminhos do conhecimento lhe parecerem mais próximos. A escola sempre será um espaço profundo para a produção de saberes históricos.

Referências Bibliográficas

ABREU, Denise Borille de. **Narrativas femininas britânicas da Primeira Guerra: perspectivas da evolução e representação de papéis sociais femininos no Século XX.** In: História: Debates e Tendências – v. 14, n. 2, jul./dez. 2014 p. 395-407.

ALMEIDA, Nukácia Araújo de. **Revistas femininas e educação da mulher: o jornal das moças.** Anais do Simpósio ALB, 2014.

ARAÚJO, Denise Lino de. **O que é (como se faz) sequência didática?** Entrepalavras, v. 3, n. 1, p. 322 – 334, jan/jul, 2013.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BONDAN, Kátia Simioni Martins. **Metodologias diversificadas para o ensino de História: cotidiano, formas de vestir, comer e narrar na antiguidade romana.** In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE).

BUITONI, Dulcília Shroeder. **Imprensa feminina.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

CALANCA, Daniela. **História social da moda.** Tradução de Renato Ambrosio. São Paulo: Editora Senac, 2008.

CATELÃO, Sidney de Melo. **História em revista: as narrativas de seleções do Reader`s Digest em sala de aula (1942 – 1949).** 2020. 214f. Dissertação. Campo Mourão: Unespar, 2020.

CLARO, Livia. **Pensando a guerra e a nação: a Liga Brasileira pelos Aliados e suas ideias sobre o Brasil no contexto da Primeira Guerra Mundial (1915-1919).** História: Debates e Tendências, vol. 14, núm. 2, jul-dez, 2014, pp. 292-305.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

DEL PRIORE, Mary (org.) & PINSKY, Carla Bassanez (coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

ECCO, Idanir. **O ensino de história: evidências e tendências atuais.** R. ciências humanas, v.8, n.10, p. 123-141, jun. 2007.

FEIJÃO, Rosane. **Moda feminina e imprensa na Belle Époque carioca.** IARA – Revista de moda, cultura e arte, v.5, n.1, p. 5-21, mai. 2012.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Menezes, Filho & C. Ltda. 1914-1918.

LAYER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa.** Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **Imprensa feminina, revista feminina: a imprensa feminina no Brasil.** Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 221 – 240, dez, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922).** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MENDES, Valerie D. **A moda do século XX:** 280 ilustrações, 66 em cores. Tradução de Luis Carlos Borges. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MORAES, Luís Edmundo. **O fim do século: ambiente e expectativa.** In: História contemporânea: da revolução francesa à primeira guerra mundial. São Paulo: Contexto, 2017.p. 151-167.

MULLER, Aline Maria. **O jornal como fonte de pesquisa histórica e antropológica: entre o monologismo e a polifonia.** Imprensa da Universidade de Coimbra, n.1, p. 269 – 286, 2015.

NERY, Marie Louise. **A evolução da indumentária: subsídios para a criação de figurino.** 5 reimp. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2013.

NIELSEN, Jen. **Women and the First World War.** In: Socialist Review. United Kingdom, Mar. 2015. Disponível em: <http://socialistreview.org.uk/400/women-and-first-world-war> Último acesso em: 30 de março 2021.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** História, São Paulo, v. 24, n.1, p. 77 – 98, 2005.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres.** Tradução Angela M.S Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII).** Tradução de Assef Kfourri. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Educação e produção de moda na Segunda Guerra Mundial: as voluntárias da legião brasileira de assistência.** Cadernos Pagu, p. 439 – 469, jul/dez, 2008.

SIMILI, Ivana Guilherme; BONADIO, Maria Claudia. **Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza, elegância.** Prefácio Denise Bernuzzi de Sant'Anna. Maringá: Eduem, 2017.

SIMILI, Ivana Guilherme; VASQUES, Ronaldo Salvador (org.). **Indumentária e moda: caminhos investigativos.** Prefácio Maria Claudia. Maringá: Eduem, 2013.

SOARES, Diego dos Santos; SILVA, Ursula Rosa da. **O Jornal das Moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por Pelotas nas décadas.** XVII SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA ARTE, n.3, 2013, Universidade Federal de Pelotas.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove.** São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.945-972.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia.** Tradução de Maria Luisa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TEIXEIRA, D.P; SILVA, S.R.A. **A moda em tempos de guerra: da saia sino à androgenia.** Revista eletrônica de moda, vol.6, n.1, p.49-68, set. 2018.

ZANON, M. C. **Fon-Fon!: um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque.** Patrimônio e Memória, v. 1, n. 2, p.18-30, 2005.

ZAQUEU, Aline Aparecida Pereira. **Proposta de uma sequência didática que trate da história rural do Brasil e da formação da consciência histórica.** 2015. 28f. Dissertação – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências. Bauru, 2015.

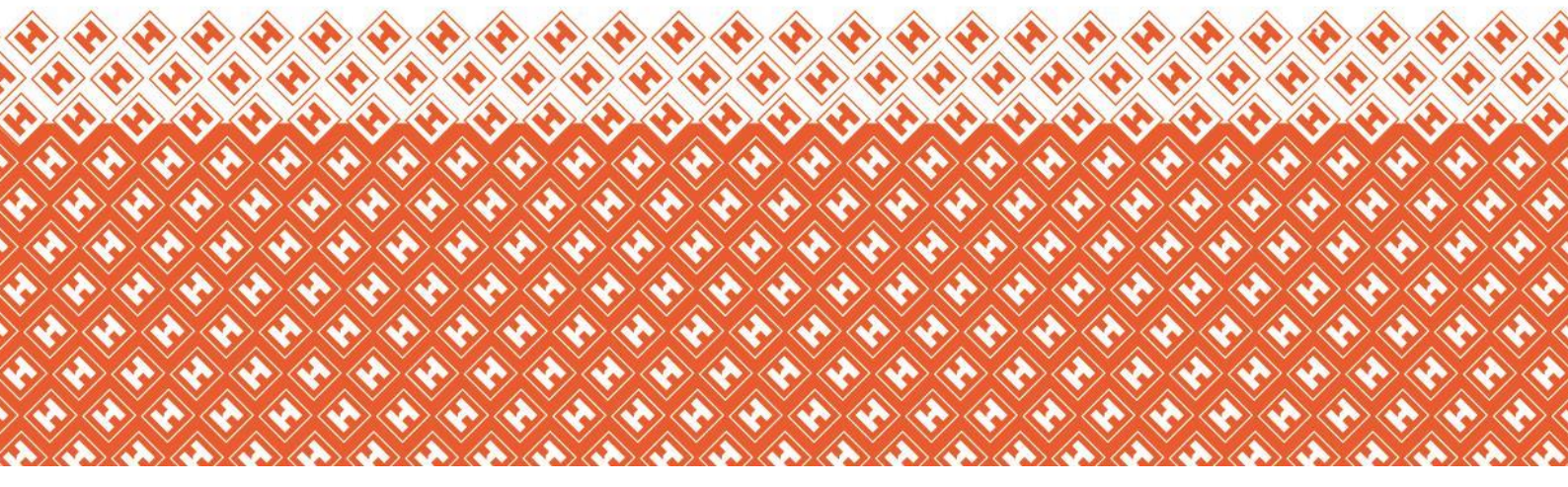
LETÍCIA FERNOCHI

Proposta de Sequência Didática

As mudanças ocorridas na moda durante a Primeira Guerra Mundial

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

2021



Proposta de Sequência Didática

Título: As mudanças ocorridas na moda durante a Primeira Guerra Mundial.

Disciplina: História

Público alvo: 3º ano do Ensino Médio

Objetivo geral: Nessa sequência didática, o objetivo geral é levar os (as) estudantes a compreenderem as mudanças que ocorreram na moda durante a Primeira Guerra Mundial e como as roupas destinadas às mulheres são capazes de mostrar nas suas formas essas transformações.

Conteúdos a serem trabalhados: Período denominado *Belle Époque*; motivações e início da Primeira Guerra Mundial; reformas no Rio de Janeiro no início da República; imprensa feminina e educação destinada às mulheres; roupas e sua relação com os acontecimentos da sociedade.

Habilidades da BNCC a serem desenvolvidas:

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).

(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Tempo de execução: 10 aulas

Materiais necessários: Conforme disposto em cada uma das atividades

ATIVIDADE 1

Conteúdo

Belle Époque e suas características

Tempo estimado

2 aulas

Objetivos específicos

- Caracterizar o período denominado *Belle Époque*;
 - Identificar as mudanças ocorridas no Brasil nesse período;
 - Refletir sobre acontecimentos relevantes no mundo durante esse período;
 - Identificar características das roupas usadas pelas mulheres no Brasil desse período.
-

Metodologias e estratégias

Nessa aula o(a) professor(a) deverá explicar aos alunos a proposta da sequência didática, as etapas que compõe o trabalho e qual será a atividade final. Após sanar todas as possíveis questões dos estudantes, o(a) professor(a) irá iniciar uma explicação sobre o período da *Belle Époque* deixando claro os anos que compreendem, suas características principais e a motivação para esse nome. Deverá elencar no quadro essas informações e os(as) estudantes devem registrar tudo em seus cadernos.

Então o(a) professor(a) irá esclarecer para os(as) estudantes que o Brasil também viveu esse período e que muitas transformações aconteceram por aqui, citando a reforma do Rio de Janeiro inspirada na cidade de Paris, a ocupação dos espaços públicos para fins de lazer, as mulheres conquistando espaço no mercado de trabalho e sendo permitido a elas frequentar os salões de leitura. Também deve fazer esclarecimentos sobre a educação destinadas às mulheres nesse momento.

Em seguida, o(a) professor(a) apresentará imagens contendo vestimentas do período trabalhado e junto com os(as) estudantes fará a caracterização das diferenças das roupas da época com as roupas usadas atualmente. O(a) professor(a) poderá usar como apoio o artigo *Moda feminina e imprensa na Belle Époque carioca* de Rosane Feijão.

Essas são algumas sugestões de imagens a ser utilizadas pelo(a) professor(a)



Disponível em: <https://modaehistoriadaarte.wordpress.com/2013/05/31/moda-no-periodo-la-belle-epoque/>. Acesso em: 14/01/2021



Disponível em: <https://demodeweb.wordpress.com/2016/06/03/o-vestuario-na-belle-epoque/>. Acesso: 14/01/2021



Disponível em: <http://modahistorica.blogspot.com/2013/05/seculo-xix-parte-3-moda-na-belle-epoque.html>. Acesso: 14/01/2021

Recursos didáticos

Quadro, giz, tv *pen drive* ou projetor multimídia e texto de apoio (*Moda feminina e imprensa na Belle Époque carioca* de Rosane Feijão)

Referências

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FEIJÃO, Rosane. **Moda feminina e imprensa na Belle Époque carioca**. IARA – Revista de moda, cultura e arte, v.5, n.1, p. 5-21, mai. 2012.

ATIVIDADE 2

Conteúdo

Imprensa feminina no Brasil durante o período da *Belle Époque*

Tempo estimado

1 aula

Objetivos específicos

- Caracterizar a imprensa feminina no Brasil durante o período da *Belle Époque*;
 - Refletir sobre o papel das revistas destinadas ao público feminino;
 - Evidenciar a revista *Jornal das Moças*.
-

Metodologias e estratégias

Nessa aula o(a) professor(a) poderá iniciar indagando aos(às) estudantes sobre seus conhecimentos a respeito de periódicos em geral e por meio das colocações dos(as) estudantes levar a reflexão sobre a origem dos mesmos, chegando ao momento da *Belle Époque*. Nesse período existe um grande aumento dos periódicos destinados às mulheres, principalmente revistas com conteúdos sobre casa, moda, culinária, eletrodomésticos, conselhos amorosos ou sentimentais etc., uma dessas revistas que vale a pena o(a) professor(a) destacar seria o *Jornal das Moças*.

O(a) professor(a) pode basear essa aula no artigo *Revistas femininas e educação da mulher: o Jornal das Moças* de Nukácia M. Araújo de Almeida. E assim, através de reflexões realizadas em conjunto com os(as) alunos(as), debateriam as temáticas dessas revistas e as motivações para seu crescimento no período trabalhado pela sequência didática, deixando as hipóteses anotadas no quadro e os(as) estudantes iriam registrando no caderno.

O(a) professor(a) poderia selecionar uma ou duas edições da revista *Jornal das Moças*. Aqui sugerimos as edições n.4 e/ou n.14, levando para a sala de aula através do projetor multimídia, ou página imprensa se houver a possibilidade. Tudo para que os(as) estudantes tenham contato com o material, analisem seu conteúdo e consigam elencar quais das hipóteses levantadas na discussão acima eram verdadeiras, quais não eram temas colocados em publicações destinadas às mulheres. O(a) professor(a) pode estimular os(as) estudantes a relatarem aquilo que mais os surpreenderam na revista original.

Recursos didáticos

Quadro, giz, projetor multimídia ou TV *pendrive*, texto de apoio.

Referências

ALMEIDA, Nukácia Araújo de. **Revistas femininas e educação da mulher: o jornal das moças**. Anais do Simpósio ALB, 2014.

BUITONI, Dulcília Shroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Menezes, Filho & C. Ltda. 1914-1965.

Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em: 14/01/2021.

ATIVIDADE 3

Conteúdo

Introdução à Primeira Guerra Mundial

Tempo estimado

2 aulas

Objetivos específicos

- Contextualizar a situação dos principais países do início do século XX;
 - Debater os motivos que motivaram a Primeira Guerra Mundial e eclodir;
 - Como estava o Brasil no mesmo período;
 - A situação de vida das mulheres nesse mesmo momento.
-

Metodologias e estratégias

Nesse momento, o(a) professor(a) irá introduzir para os(as) estudantes o tema Primeira Guerra Mundial, começando pela contextualização dos anos antes da guerra começar, os fatores que geravam tensões entre os países, os motivos das rivalidades, a formação das alianças, entre outros aspectos. Também fará uma breve explanação sobre a situação do Brasil no período, lembrando junto aos estudantes as aulas anteriores. Refletirá junto com os(as) estudantes sobre o papel atribuído às mulheres naquele momento e como seria a rotina de mulheres de classe baixa e mulheres de classe média e alta. Assim, o(a) professor(a) irá anotando no quadro as principais indagações e constatações e juntos aos estudantes vai analisando e refletindo sobre o tema. Nesse momento, pode-se fazer uso do livro didático no capítulo sobre o tema para ler junto com os(as) alunos(as) e destacar os pontos considerados mais importantes.

Em seguida, o(a) professor(a) poderá colocar como a guerra se iniciou e os primeiros passos dados pelas alianças a partir daí. Para auxílio pedagógico nessa temática e também como uma forma de mostrar aos estudantes características da época trabalhada, como as roupas por exemplo, o(a) professor(a) poderá usar uma parte do documentário *Primeira Guerra Mundial: o fim de uma era* que é facilmente encontrado no Youtube (sugiro os primeiros 20 a 30 minutos).

Recursos pedagógicos

Quadro, giz, TV *pendrive* ou projetor multimídia, livro didático.

Referências

Livro didático utilizado pelo Colégio.

PRIMEIRA Guerra Mundial: o fim de uma era. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s25JGNCsu4M>. Acesso em: 18/01/2021.

ATIVIDADE 4

Conteúdo

A moda como fonte histórica

Tempo estimado

1 aula

Objetivos específicos

- Destacar que a moda pode ser usada como fonte para o estudo da História;
 - Refletir como as roupas se transformaram com o tempo.
-

Metodologias e estratégias

Nessa aula o(a) professor(a) irá colocar para os(as) estudantes o que são fontes históricas e como a moda pode ser considerada uma fonte histórica. Para isso, o(a) professor(a) pode fazer uso do artigo “*As roupas como documentos nas narrativas históricas*” de Ivana Guilherme Simili.

O (a) professor(a) pode selecionar uma parte do artigo para ler e analisar junto aos estudantes. Assim o(a) professor(a) já vai direcionando o olhar dos(as) alunos(as) para aquilo que ele(a) deseja que os(as) estudantes observem na próxima etapa da sequência didática.

Recursos didáticos

Quadro, giz e texto de apoio.

Referências

SIMILI, Ivana Guilherme. **As roupas como documentos nas narrativas históricas**. Patrimônio e Memória, São Paulo, v.12, n.1, p. 237-261, janeiro-junho, 2016.

ATIVIDADE 5

Conteúdo

Primeira guerra e seu impacto na transformação das roupas

Tempo estimado

2 aulas

Objetivos específicos

- Analisar imagens do Jornal das Moças;
- Compreender as mudanças nas roupas femininas do início do século XX;
- Refletir sobre os fatores motivadores dessas mudanças.

Metodologias e estratégias

Nessa etapa, o(a) professor(a) vai retomar com os(as) estudantes as primeiras discussões sobre o tema e mostrará para os alunos algumas imagens selecionadas previamente da revista *Jornal das Moças*. Desta forma, juntos poderão analisar algumas das transformações que ocorreram nas roupas. Sugerimos que o(a) professor(a) primeiro coloque a imagem para os(as) estudantes e espere que eles(as) verbalizem suas impressões e a partir disso o debate vai prosseguindo.

O(a) professor(a) pode usar as imagens propostas nessa sequência didática ou fazer a sua própria seleção.

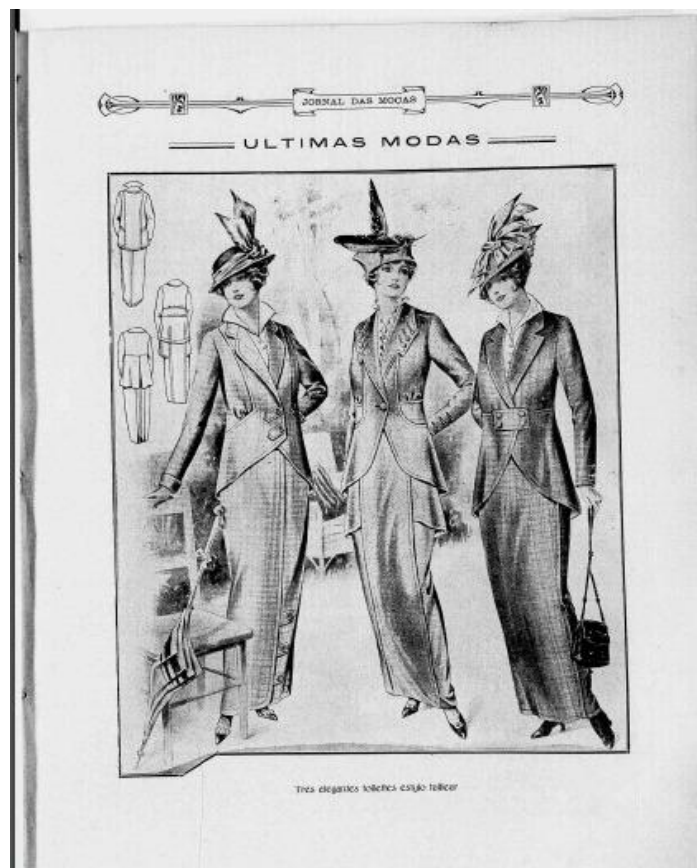
As imagens sugeridas são:



Mulheres com saias duplas onde a debaixo é mais ajustada ao corpo enquanto a de cima é mais curta e tem detalhes em babados.
Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 5, julho, 1914



Modelos de *tailleurs* que surgiram em Paris e foram sugeridos para as mulheres brasileiras. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 9, setembro de 1914.



Tailleurs com corte mais simples e ajustados ao corpo devido à economia de tecido. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n. 13, dezembro, 1914.

JORNAL DAS MOÇAS

Invejamos o luxo que percebem sonhando limitai-o; não querem compreender que essas mulheres que desejam copiar as elegantes se encontram em condições particulares; que tendo à sua disposição um auto ou "coupe" o risco de macular a limpidez de seu delicado calçado lhe é desconhecido; que tendo de fugir espavorida de um taxi de terceira velocidade, a estrêta de uma sala de moda não far-lhe-ão correr os riscos de uma queda ridícula ou perigosa!

Então! não é permitido a todas as mulheres consagrar um grosso orçamento a sua "toilette"; é preciso logo, se mostrar indulgente para aquelas que pela manhã usam seus velhos vestidos ou economizam sobre o preço dos meios de transporte.

Não é preciso temer; penso de um modo indulgente porque acima de algumas virtudes de primeira grandeza, coloco as pequenas qualidades: ordem, economia. Fazem as boas casas e conduzem à abundância.

Porém, julgo que a primeira das economias é, em matéria de "toilette", levar a escolha de tecidos praticos, cores neutras, vestimentas adequadas, classicas, de golpe artístico.

Dedico os cuidados de traduzir ás suas "mamãs" e ás suas tias, o velho proverbio latino:

— "In medio stat virtus".

É para aquellas que não têm filhas, nem sobrinhas formadas, adentadas e elegantes, traduzo:

«A virtude está no meio.»

Sim, está no meio, também em matéria de "toilette" como em matéria de moral, felicidade aquellas que em todo o tempo e em todas as circunstancias, sabem se lembrar...

Quando no ultimo verão foi encadeada a horrivel guerra, as parisienses, forçadas a guardar uma nova attitude, tiveram desejos de lançar no fundo de seus móveis, os trajes de cores bistras, as saias indecentes e os corpinhos inconvenientes. Estando trajadas um minuto mesmo assim corriam o risco de excitar uma indignação justificada, exhibindo casacos verde vivo ou de cor "rango", emquanto além, um dia seus cabos, salvar, pela Patria.

Podem se mostrar por toda a parte sem chocar aquellas que fugiam diante da invasão e em affrontar todos os desgostos, se mihiorando à toa as miserias; suas attitudes e suas "toilettes" não podem dar ensejo a uma zombaria. Ellas provaram assim que possuem, á fundo, a ARTE NO VESTIR.

VIVETTE.



Cada estação traz uma ou mais novidades em blusas. Os dois modelos acima estão muito em voga actualmente na Europa. Não nos parece de grande elegancia e é apenas como novidade que as apresentamos á apreciação das nossas gentis leitoras.

Elegante costume proprio para a estação

Vestis que surgem como referências do uniforme militar. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n.25, maio, 1915.

JORNAL DAS MOÇAS

MODELOS



Dois costumes tailleurs de drap e sarja e um vestido «corsage» com pelerine, ultimos modelos.

No primeiro deve-se observar collarinho e gola do mesmo tecido, no segundo collarinho de drap branco debruns de oleado e no terceiro guardadoes de trança.

Tailleurs com saias boca de sino e comprimento menor. Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, n.54, junho, 1916.

Como material de apoio o(a) professor(a) pode usar o artigo *A moda em tempos de guerra: da saia sino à androginia* de Débora Pires Teixeira e Sara Raquel Andrade Silva. Utilizando o artigo e as imagens, o(a) professor(a) vai junto com aluno apontando o encurtamento das roupas, o ajuste perto do corpo, os detalhes que remetem as roupas masculinas, entre outras possibilidades.

Recursos didáticos

Quadro, giz, TV *pendrive* ou projetor multimídia, imagens selecionadas e texto de apoio.

Referências

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Menezes, Filho & C. Ltda. 1914-1965. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em: 18/01/2021.

TEIXEIRA, D.P; SILVA, S.R.A. **A moda em tempos de guerra: da saia sino à androginia.** Revista eletrônica de moda, vol.6, n.1, p.49-68, set. 2018.

ATIVIDADE 6

Conteúdo

Atividade avaliativa

Tempo estimado

2 aulas

Objetivos específicos

- Refletir sobre os conteúdos abordados durante a sequência didática
 - Compreender a importância da exploração de outras fontes históricas
-

Metodologias e estratégias

Previamente, os(as) estudantes já terão se dividido em grupos e esses grupos irão utilizar edições do *Jornal das Moças* entre 1914 e 1915 para explorar os temas Moda e suas transformações, Primeira Guerra Mundial e indicações da revista para o comportamento feminino.

O(a) professor(a) ajudará os(as) estudantes a se dividirem em grupos e por sorteio ou escolha de cada equipe determinará o tema de pesquisa de cada grupo. Então os alunos poderão pesquisar, utilizando celulares e/ou computadores, *tablet*, *notebooks*, as edições da revista entre 1914 e 1915. O grupo irá eleger uma edição para explorar o tema de pesquisa estipulado.

No final cada grupo fará uma breve apresentação para turma daquilo que encontraram na edição escolhida, os motivos daquela edição ter chamado a sua atenção e como aquele recorte escolhido se relaciona com o tema de pesquisa anteriormente proposto.

Ao final das apresentações o(a) professor(a) poderá lançar uma nota pela pesquisa realizada, a apresentação para turma e a participação durante todas as aulas que compreenderam essa sequência didática.

Recursos didáticos

Quadro, giz, aparelhos eletrônicos, internet e a revista *Jornal das Moças*.

Referências

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Menezes, Filho & C. Ltda. 1914-1965.

Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em: 18/01/2021.